

AVULSO

1. ESC.
1.20

ANO II—N.º 95

11

MARÇO
1943



*Soldados
de amanhã!*

*Vida
Mundial*

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades



ANTÓNIO FERRO

Ilustre Director do Secretariado da Propaganda Nacional, acaba de regressar de uma viagem a Espanha, onde foi tratar, no desempenho das funções do seu alto cargo, da próxima exhibição em Madrid e Barcelona dos bailados portugueses do «Verde Galo», prestando assim mais uma colaboração valiosa para um maior intercâmbio cultural e artístico entre os dois países peninsulares.



DR. JOSÉ FERREIRA BOSSA

Figura de relevo no nosso meio social e político, tendo desempenhado alguns altos cargos, foi agora nomeado vogal do conselho do Império Colonial.



1.º TENENTE ANTÓNIO GUERREIRO TEO PACHECO

Oficial da armada, cujas qualidades profissionais e de inteligência têm sido reconhecidas pelas entidades superiores, foi escolhido para o desempenho das funções de adjunto da secretaria técnica do Conselho Nacional do Ar.

AQUI entre Nós



ROCHA MARTINS

Historiador infatigável, com uma obra literária que é verdadeiramente notável, acaba de publicar mais um romance histórico, «O Bichinho de conta», que vai constituir, certamente, um dos melhores êxitos da presente temporada.



MESTRE ANTÓNIO PINHEIRO

A grande figura da cena portuguesa que foi há dias a enterrar, depois de em mais de 50 anos, primeiro como artista depois como professor, ter marcado um dos primeiros lugares entre os valores do nosso teatro de todos os tempos, o seu funeral constituiu a sua última consagração.



FERNANDA REIS

Conhecida jornalista e nossa distinta colaboradora, realizou há dias no Clube dos Fenianos, no Pátio, uma conferência intitulada «Santa Isabel, revolucionária portuguesa do século XIII», que constituiu um verdadeiro acontecimento literário da capital do norte.

CARNAVAL

O Carnaval passou a ser pouco mais que uma lembrança de calendário. Ainda há umas vagas reminiscências de bailaricos que pretextam a data para dar à perna. Mas para isso, mesmo sem Carnaval, qualquer noite de S. João é magnífica, ou mesmo qualquer sábado sem mais significação que a de ser simples sábado será razão bastante. A verdade, porém, é que se baila no Carnaval já com o sereno desfastio de todos os bailes sem mais quê. O Carnaval, como Carnaval, faleceu, afinal de contas, com um estertor lento, sem solavancos, depois de uma vida longa de estúrdia, de brutalidade e de estupidez. O velho Carnaval lisboeta era uma coisa sórdida, embriagada e instintiva. Marcava-se a sua grande quadra de folia em Domingo Gordo, Segunda-feira Gorda, Terça-feira de Entrudo propriamente dito e Quarta-feira de Cinzas. Há alguns anos começou a ser possível a impressão de que o Carnaval era todo de Cinzas. Agora, já nem isso. Já nem a imagem do cangalheiro lhe vale. Quando muito, mais uma pá de cal sobre a sua sepultura seca, para que nem lá possam crescer algumas lembranças de flores...

DE VOLTA

JOVENS marinheiros andaram meio ano sulcando mares em viagem de adaptação e desenvolvimento das aptidões que possuem para a profissão que escolheram. Meses e meses sobre o mar, com a imensidade líquida a servir de horizonte para os seus anseios, cada um desses moços terá podido meditar tranquilamente na lição legada pelos nossos velhos navegadores, que foram capazes de ter a firmeza de ânimo e pronta decisão, capazes de levar a cabo a obra de que como portugueses nos orgulhamos e que o mundo inteiro pôde aproveitar e aproveitar ainda. Eis a imensidade da tarefa que nos cabe sempre a cada um de nós: executá-la corajosamente, meticulosamente, até ao fim das suas consequências, com a lembrança permanente e total da que ela pode representar para nós e para os outros, nos nossos tempos e no futuro. O egoísmo, se pode algumas vezes acioniar um impeto, é antagónico de todas as grandes iniciativas ordenadas. Precisamente, os homens do mar são alheios a todos os impetus egoístas. E essa é a sua superioridade de sempre.

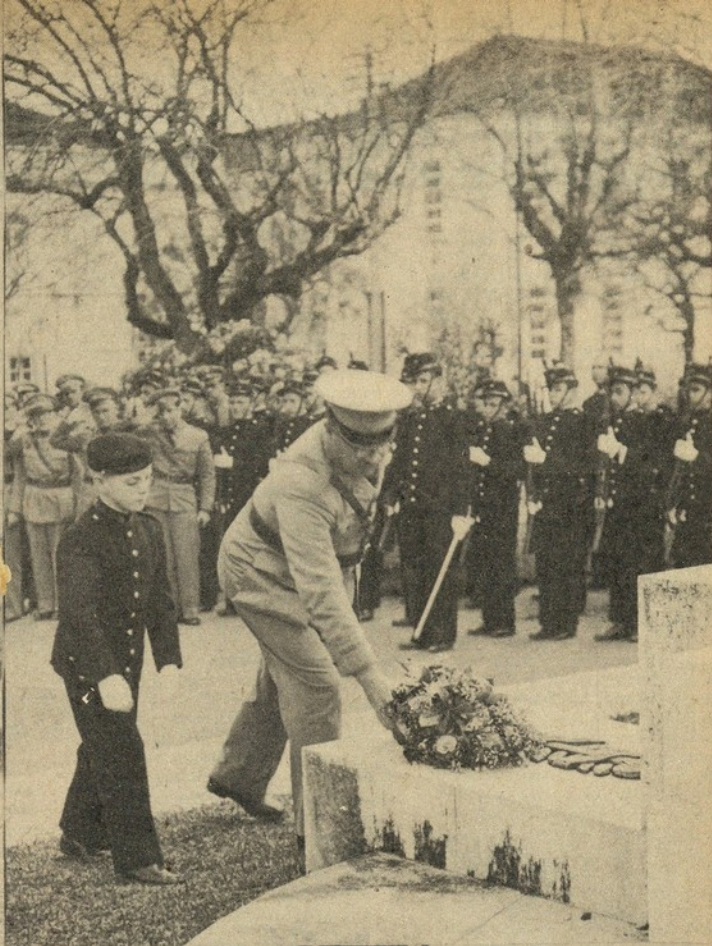
CONTRADIÇÕES

NUMA rua estreita de bairro modesto forma-se um cortejo de entêrra. Aparecem à porta algumas pessoas de porte mais distinto, vêem-se duas tipóias de bater — mas ninguém terá a curiosidade de pensar acerca de quem será o morto. Pois era homem célebre. O seu nome voara, por meio século, de boca em boca. Era respeitado e acatado. Foi artista e fez artistas. Chamava-se António Pinheiro. Quando se soube que ele tinha morrido, os jornais fizeram grandes notícias e puseram o seu retrato na primeira página: como se faz aos príncipes e aos milionários. António Pinheiro era realmente um príncipe de idéias e um milionário de sonhos. Mas ali estava amortilhado em modesta bata de trabalho, dentro de caixão de pinho, num gabinete-zinho de casa pobre, de rua estreita em bairro popular. A vida tem destas contradições — que se prolongam na morte.



O poeta Afonso Lopes Vieira, sempre poeta desde a alma ao monóculo, a propósito da criação dum museu académico em Coimbra, falou recentemente da nobre cidade do Mondego. As suas palavras revestem-se duma ternura e

Vida
MUNDIAL
e Ilustrada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2. — LISBOA TELEFONE: 2 5 8 4 4



O Colégio Militar, fundado há 140 anos pelo marechal António Teixeira Rebêlo, festejou há dias mais um aniversário. À esquerda, um batalhão do Colégio saindo em desfile; à direita, o mais novo dos actuais alunos depositando um ramo de flores no monumento dos alunos falecidos.

O 549.º aniversário do nascimento do Infante D. Henrique foi comemorado com uma sessão na Sociedade de Geografia, presidida pelo coronel sr. Mimoso Guerra, e em que o sr. Álvaro de Lacerda fez uma conferência intitulada «A dívida de Belém para com o Infante».



Entre as sessões comemorativas do primeiro centenário do nascimento de Teófilo Braga, destacaram-se a realizada na Sociedade de Geografia (em cima), onde evocou a figura e a obra do presidente do Governo Provisório da República o sr. dr. António Ferrão, e a que se efectuou na Casa dos Açores (à direita), tendo sido conferente o



sr. dr. Prado Coelho, que falou sobre «Lugar e importância da poesia na alma de Teófilo Braga».



RUMORES DO MUNDO

Quem é o sucessor do general Eisenhower no cargo de comandante das forças norte-americanas em operações no teatro europeu?

EM virtude da nomeação do general Eisenhower para o posto de comandante supremo das forças aliadas no Norte de África, coube ao seu camarada, tenente-general Frank Maxwell Andrews, substituí-lo no comando das tropas americanas, aquarteladas na Grã-Bretanha.



O general Andrews esteve até há pouco tempo, na cidade do Cairo, onde dirigiu as operações levadas a efeito pelas Forças Aéreas Americanas do Médio Oriente. Foi sob as suas ordens que os bombardeiros americanos realizaram as devastadoras incursões à Itália, em Dezembro do ano passado e apoiaram com grande eficiência o 8.º Exército na sua vitoriosa arrancada, através da Líbia.

Nascido em Nashville, no Estado de Tennessee, em 1884, o general Andrews ingressou na Academia Militar dos Estados Unidos em 1902, sendo quatro anos depois, promovido a segundo tenente de cavalaria. Desempenhou muitas funções importantes, entre as quais o comando das forças aéreas do Canal do Panamá, de Novembro de 1940 a Setembro de 1941, data em que foi transferido para o Comando da Defesa do Mar das Caraíbas.

Ao tomar posse do seu novo cargo em Londres, o general Andrews fez algumas declarações de grande importância para o prosseguimento da guerra.

Registamos aqui a síntese dessas afirmações:

«A minha principal missão aqui, em Londres, é dar maior incremento aos bombardeamentos aéreos contra a Alemanha.

«Tencionamos intensificar duma maneira extraordinária a guerra aérea e prosseguir na política de amansar a Alemanha por meio destes ataques. Creio firmemente na estratégia de bombardeamento».

Quem foi o assassino do almirante Darlan?

EMBORA, ultimamente, se tenha pôsto em dúvida o fuzilamento do assassino de Darlan, algumas publicações francesas, redigidas sob o controle das Potências do Eixo, continuam a afirmar que o jovem criminoso, executado sob essa acusação, foi Fernand Bonnier de la Chapelle.

Segundo a referida versão, no dia 24 de Dezembro de 1942, Bonnier de la Chapelle entrou no Palais d'Été, residência oficial do

Alto Comissário francês em Argel e pediu para falar com Darlan.

Como o almirante não estivesse, mandaram-no esperar. Quando Darlan chegou e ia a atravessar o corredor para dar entrada no seu gabinete, Bonnier de la Chapelle puxou duma pistola e disparou cinco tiros sobre o almirante.

O presumível assassino era alto e moreno, nascera em Argel a 1 de Dezembro de 1922, e seu pai era professor, desempenhando também as funções de intérprete dos tribunais argelinos.

Quando o pai se divorciou, o jovem Fernand foi viver para Paris com um tio. Este, um dia, perguntou-lhe qual a carreira que desejava seguir quando fosse homem e Fernand respondeu: «Quero ser diplomata».

Quando a guerra estalou, o pai de Fernand escreveu-lhe a pedir que regressasse ao Norte de África, ao que ele acedeu, partindo pouco depois para Argel. Ao chegar, filiou-se na Organização da Mocidade Francêsa de Vichy.

Na véspera do Natal de 1942, três semanas depois do seu 20.º aniversário, Fernand Bonnier de la Chapelle matou o almirante Darlan conforme descrevemos atrás. No dia de Natal, Bonnier de la Chapelle era conduzido para a frente dum pelotão de fuzilamento e executado. Antes de soar a descarga que o abateu, segundo a descrição em que nos baseamos, o jovem Fernand teria gritado:

«Vive la France!».

Quantos anos durará ainda a guerra?

ESTA pergunta, que todos nós fazemos uns aos outros e a nós próprios, preocupa tanto as populações dos países beligerantes como os neutrais, por muito poucos que estes sejam presentemente.



Se bem que algumas individualidades anglo-americanas sejam de opinião de que a guerra terminará em fins de 1944 ou princípios de 1945, o ex-presidente Hoover, dos Estados Unidos, é dum pessimismo tal, a este respeito, que não rejeita afirmar que a guerra durará, pelo menos, mais três anos, chegando mesmo a declarar que «uma nação chefiada por políticos prudentes devia contar, talvez, com mais cinco anos de conflito armado».

Hoover que, após a outra guerra, foi administrador do Departamento dos Géneros Alimentícios, supõe, ainda, que, se a guerra terminasse, dum momento para o outro, a Europa ficaria mergulhada num inconcebível caos e numa completa miséria. Além disso, ou talvez por isso, Hoover atacou o plano de Stimson, ministro da Guerra dos E. U., para a mobilização dum exército de 11.000.000 de homens e pediu no Congresso, o licenciamento

de um milhão de indivíduos para trabalhar na agricultura, nas indústrias e nas minas.

Qual era o texto das cartas trocadas entre o «Mahatma» Gandhi e o vice-rei da Índia, marquês de Linlithgow, antes do chefe indiano ter iniciado o seu último jejum?

O «mahatma» Gandhi iniciou o seu nono jejum oficial no dia 10 de Fevereiro. A notícia da decisão do chefe indiano foi dada no próprio dia pelo



GANDHI

Governo da Índia e, na mesma ocasião, foi publicada uma longa série de cartas, as primeiras datadas de 31 de Dezembro de 1942. Por elas se deu publicidade dos pontos discutidos entre o «mahatma» e o vice-rei.

Nessas cartas, Gandhi expõe os motivos que o levam a jejuar e o vice-rei analisa as razões por que mantém a detenção do chefe do Congresso Indiano.

Quando Gandhi tomou a decisão final de jejuar, o Governo da Índia ofereceu-lhe a liberdade, enquanto durasse o jejum. O «mahatma» foi, pois, informado que podia regressar à sua terra ou ir para onde lhe apetecesse, apenas, com o fim expresso de jejuar, sendo-lhe concedida permissão para levar consigo os membros do seu partido que o quisessem acompanhar. Gandhi declarou então que, se lhe fosse concedida a liberdade, cessaria imediatamente o jejum. Em vista desta afirmação, o Governo da Índia decidiu conservar o chefe indiano detido no Palácio de Aga Khan.

Por este motivo, o vice-rei informou o «mahatma» de que o Governo não tomava a responsabilidade do que viesse a suceder e que dava licença que ele se rodeasse de todos os médicos que achasse necessários e recebesse as visitas que entendesse.

No entanto, o marquês de Linlithgow escreveu ainda a Gandhi, expressando o seu desgosto pelo facto do «mahatma» ter tomado aquela resolução, em vista do seu estado de saúde e dos seus 73 anos.

E acrescentava: «Receberei com imensa alegria a notícia de que vós decidistes pensar melhor neste assunto, não só por causa da minha relutância natural em ver-vos arriscar voluntariamente a vida, mas também porque considero a utilização dum jejum para fins políticos como uma forma de chantage política, para a qual não haverá justificação moral».

O primeiro jejum oficial de Gandhi foi em Março de 1918 e durou três dias; o segundo, em Novembro de 1921, durou cinco dias; o terceiro, em Setembro de 1924, durou 21 dias; o quarto, em Setembro de 1932, durou cinco dias; o quinto, em Maio de 1933, durou 21 dias; o sexto, em Agosto de 1933, começou no dia 1 e terminou a 23; o sétimo,

em Julho de 1934, durou sete dias; o oitavo, em Março de 1939, durou quatro dias; o nono, começou a 10 de Fevereiro e terminou a 3 de Março, sem que Gandhi tivesse atingido o seu objectivo — a libertação incondicional.

Como foi realizada a viagem do marechal Rommel, durante a retirada das tropas alemãs, desde o Egipto até à Tunísia?

AGORA que o famoso chefe militar alemão já se encontra por detrás da Linha Mareth, na Tunísia, chega até nós a notícia, não confirmada, é claro, de que, durante a retirada, o marechal utilizou, como meio de transporte, um automóvel de fabricação inglesa, tomado às tropas britânicas do 8.º Exército, pouco



ROMMEL

antes de ter sido iniciada a ofensiva em El-Alamein.

Embora este episódio não tenha a mínima importância, é curioso registá-lo como exemplo da possível apreciação em que um beligerante tem a indústria mecânica do seu adversário. O caso, para mais, não é novo neste conflito, porque, precisamente, há alguns meses, a revista alemã *Sinal* comentava, em termos irónicos, acompanhados de uma fotografia, o facto do embaixador britânico em Lisboa ter ido cumprimentar o sr. Presidente da República, num automóvel «Mercedes-Benz»...

Quais teriam sido, em resumo, os assuntos provavelmente discutidos entre o Presidente dos Estados Unidos e o Presidente do Brasil?

POUCO se tem escrito a este respeito; porém, tudo leva a crer que o sr. Roosevelt, quando passou em Natal, na sua viagem de regresso aos Estados Unidos, discutiu com o dr. Getúlio Vargas os perigos da ameaça submarina no Atlântico Sul, sendo também possível que tenham ajustado o envio de forças



GETULIO VARGAS: expedições brasileiras para as frentes de batalha.

A corroborar estas opiniões, um informador oficial brasileiro, de Washington disse, há poucos dias, que a marinha de guerra e a aviação do Brasil continuam a manter abertas as linhas de abastecimento aliadas e recordou que o Presidente Vargas anunciara que talvez houvesse necessidade de enviar uma força expedicionária brasileira para fora do continente sul-americano.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

Teatro de Fantoches



A idéia de fazer a sério um teatro de fantoches não era original. Mas, acaso haverá alguma coisa de menos original do que a idéia de fazer poesia? Entretanto, todos os dias se renova a emoção poética em forma literária, porventura da melhor emoção do essencialismo humano.

Mais ou menos, deve ter sido isto o que pensou Augusto de Santa-Rita que, como poeta que se renova em idéias e emoções, podia muito bem pensar em renovar entre nós aquilo que lá fora, se não caiu no vulgarismo corrente, é entretanto já comum.

Na forma de realizar esse sonho de poesia plástica estava, naturalmente, o grande problema que já lhe deve ter consumido à volta de uma centena de contos. Sózinho, evidentemente, ele não poderia ter feito muito mas saber rodear-se de equipa de valores seleccionados bem mostra sabedoria de apontar...

Aquilo começou, assim, a ter corpo e a ter alma: a sua própria alma de poeta, que escreveu primeiro duas composições teatrais: «A cabrinha mé-mé, o burro e o papagaio» e «Nossa Senhora da Agrela»; a alma de outro poeta que é Afonso Lopes Vieira e que escreveu «O Auto da Barca do Inferno»; e, ainda, o gosto dum outro poeta bem treinado nas coisas de teatro, que é Luiz de Oliveira Guimarães.

Teatro de Mestre Gil—se chamaria essa organização—e esse nome lá está escrito no proscénio. Para fazer mexer esses bonecos, viriam os fantocheiros de Lisboa, numa grande parada de talento; para encenar e ensaiar, Anita Patrício, declamadora e poetisa daria o melhor da sua experiência em coisas de teatro; para registar o som, escolher-se-ia a Publi-Sonora...

Tudo isto, porém, era possível fazer-se só com «gente». E onde estaria ela, se não existisse esse rapaz Júlio de Sousa, com mãos de Satan e alma de um grande deus do Olimpo?

Os bonecos que ele fez, fantásticos de precisão na sua caricatura, pertencem à multidão de seres que vive em todos nós...

Os fantoches que Augusto de Santa Rita vai pôr a trabalhar e que apresentará este mês, primeiro a

Imprensa, depois ao público miúdo e graúdo de Lisboa, não se movem, é certo, por meio de cordelinhos complicados, como esses de Pudreca, que nos visitaram há anos. O processo é mais simples e português: os fantocheiros—quem dirá que muitos deles estão a ganhar para cima de 700 escudos, e que só de ordenados Santa Rita dispôs o mês passado de mais de 5 mil escudos?—eles enfiam a mão nas vestes dos bonecos, introduzem os dedos nos orifícios que ficaram na cabeça e nos braços e assim é que são movidos...

Muitos dos rapazes e raparigas que foram chamados a manejar os «robertos» têm assinalável intuição cénica: veja-se, por exemplo, «João Villaret» e «Maria Luiza» que aparece a dançar um samba electrizante, capaz de fazer vir abaixo a platéia...

A platéia. Só a platéia, porque não há outros lugares no antigo restaurante do Coliseu, onde foram introduzidas grandes modificações para o caso.

Estivemos lá ontem, a ver as pinturas frescas, os reposteiros azues, os «fauteuils» estofados, o bufete e a maquinaria. Principalmente a sonora e a eléctrica, que são as mais complexas.

Ao contrário dos outros palcos—este não tem sobrado. Naquela espécie de cai»a maravilhosa, movem-se os fantocheiros à indicação da

«meriteuse-en-scène» que, do lado de fora, vai comandando:

—«Erico Braga», coloque-se um pouco mais à direita... Por favor, «Maria Matos», isso é lá modo de agradecer! Então, essa «Beatriz Costa» que está a fazer que nunca mais aparece?

O ensaio continua. Lá dentro, dois homens colocam no aparelho respectivo os discos onde foram gravadas as peças. Para esta gravação, foram intérpretes: Daniel Martins, César Viana, Fernanda O'Donnell, Guedes de Dion, Hum-

berto Mergulhão, Anita Patrício, Ferreira da Costa, Mariamélia, Dulce Gomes. Os cenários são também de Júlio de Sousa, reproduzidos por Carlos Ribeiro.

As peças estão gravadas em 26 discos e as vozes correspondem perfeitamente às intenções: lá ouviremos a D. Maria Matos recitar e a D. Hermínia cantar...

Qualquer dia, vão ouvir-se no antigo restaurante do Coliseu as três pancadas de Molière e, depois, uma voz anunciar:

—Meus senhores, vai começar o espectáculo!



7 dias de Cinema

Hot Fernando Fragoso

NO início da «Quimera do Riso», Sullivan, o realizador — idealista, que pretendia fazer filmes sociais, sustentava acaloradamente a discussão com os produtores, que insistiam, com ele, para que prosseguisse na feitura de filmes de êxito garantido, como o «Formigueiro nas pernas de 1940» — tão generosamente acolhido pelo público, como pródigo nas receitas que fizera arrecadar.

E, dentro das fórmulas rotineiras dos que não gostam de arriscar grossos cabedais, em fitas cujo valor comercial se não pode garantir de ante-mão, os «homens do dinheiro», como naufragos agarrados à única tábua de salvação, repetiam:

— Para que há-de V, estar a puxar pela cabeça! Pega numa boa orquestra, chama um compositor, arranja duzentas raparigas bonitas, meia dúzia de canções, um cómico discreto e duas atracções de «music-hall» — e pronto... Ai tem V. uma fita: «O Formigueiro das pernas de 1943» que o tornarás célebre — e nos fará ricos...

Duas semanas depois dos êcos desta conversa se terem exinquirido na tela do Eden, «Esquadra à vista» sobrepôs-se à «Quimera do Riso» para dar razão aos que assim falavam... E razão a tal ponto, que «Sullivan's Travels», que lhe é incomparavelmente superior, alcançou um êxito muito menor do que o registado por este «The Fleet's in», que o público consagrou!

Preston Sturges terá motivos para se entristecer, mas os factos veem em reforço daqueles que produzem em série a «Broadway Melody», as «Gold Diggers» e os «Formigueiros nas pernas», de que nos falava o inconformista Sullivan...

* * *

«Esquadra à vista» não traz nada de novo. É a receita do costume. Uma história tênue, que se escôa entre agradáveis números de música; uma risonha aventura de amor entre duas canções; a eterna novela do tímido e da actriz-cantora, êle com um amigo (que é o cómico do filme) ela com uma companheira excêntrica (que emparceira com aquêle). Há o inevitável cabaré. O diálogo ao luar com o rio ao fundo, e o «qui-pro-quo», que arrasta a acção ao longo das dez partes, que o espectáculo exige.

No entanto, estes filmes não se repetem, tanto quanto seria de recer. A história tem menos importância do que os outros elementos do espectáculo: a orquestra, as canções, os números de «music-hall». São êles, em regra, que fazem o êxito ou o inêxito do filme.

Na «Esquadra à vista» os condimentos são de primeira ordem: a

orquestra de Jimmy Dorsey (que era o fulcro do «Jardim da Lua»), a parelha de bailarinos excêntricos e o marinheiro da harmónica. Se misturarmos tudo isto na caçarola duma história vulgar, com molho de bonitas melodias, polvilhado da graça lânguida de Dorothy Lamour — e se servirmos ao público numa travessa bem enfeitada, o resultado é garantido. Como se tudo isto não bastasse, temos ainda por cenário, para recrear a vista, o horizonte imenso do alto-mar onde vogam imponentes e fotogénicos couraçados, em manobras navais — ou o ambiente cálido dum «cabaré», onde só há mulheres bonitas...

«Esquadra à vista» baseia-se numa peça teatral, assinada por dois autores. Outros três senhores fizeram a adaptação à tela. E nova trindade escreveu o «screen-play».

Oito conspícuos cavalheiros, deste modo, espremeram os miolos durante várias semanas, para chegar à fórmula eterna: «o rapaz encontra a rapariga, o rapaz perde a rapariga, o rapaz reconquista a rapariga» — três fases que só por si resumem as histórias de noventa por cento dos filmes que se fabricam em Hollywood.

Mas foi então para cair na banalidade, que «The Fleet's in» passou pelo crivo de oito cérebros experimentados, em matéria de espectáculos? Claro que não. O trabalho dos autores foi sobretudo um trabalho de «revestimento». Êles criaram os «gags» e as situações, buscaram o pitoresco, exploraram os pequenos ridículos, localizaram os episódios, integraram dentro da acção, com a maior naturalidade, os números de «music-hall» de que dispunham. A velha carcassa de todas as histórias desapareceu assim, sob um manto coruscante de fantasia... E a tal ponto, que dificilmente adivinhámos sob o deslumbramento da roupagem, a pobreza desoladora do que êle esconde...

Hollywood parece atribuir cada vez mais importância ao «gag», ao pormenor saboroso, à situação engenhosa. E tem razão para isso. Só assim é possível apresentar, como novas, as histórias que são tão velhas como o próprio cinema. E ainda, há dias, quando falámos de «Uma Noiva caída do Céu» tivemos ensejo de verificar semelhante realidade. Perante o «gag» feliz, o produtor não olha a dinheiro. E, sob êste aspecto, é curioso verificar que aquela escadaria imensa que nos conduz à casa de Dorothy Lamour está ali, com a única finalidade de alcançar o efeito extremamente cómico que advém da «excêntrica» levar às costas o Romeu com poucas forças, em contraste com a cena romântica, de que anteriormente havíamos sido espectadores, e duran-

te a qual o marujo conduz a Dorothy, nos braços, numa ascensão para o sétimo céu...

* * *

Eu não sei se o leitor gosta da Dorothy Lamour. Houve tempo em que foi moda, considerá-la uma estátua de carne sem sombra de talento. Dizia-se, que, tal como os cisnes, tinha apenas «a inteligência da sua beleza». Mas Dorothy abandonou os papéis à Tarzan... A pouco e pouco, vimo-la como intérprete de comédias. A sua voz «tropical» — lembrem-se de «Moonlight and Shadows» — nada perdeu, transportada para o âmbito dos cabarés, ou para os «roofs» dos arranha-céus nova-yorkinos. Despiu o «sarong», envergou trapos segundo o modelo da «Vague» — e o «sex-appeal» que dominava a própria personalidade, manteve-se, sem qualquer prejuízo. Dorothy evolucionou e a legião dos admiradores cresceu.

Eu não sei se o leitor gosta da Dorothy Lamour, repito. Mas o que não há dúvida é que ela se tornou na intérprete ideal dos filmes tipo «Esquadra à vista». E se bem que

os outros elementos do espectáculo se sobreponham à sua actuação, a presença da «Dothy», no filme, é mais uma razão a seu favor.

Com tantos tempêros e tão bons condimentos — a «Esquadra à vista» é bem a réplica cinematográfica daquela famosa e fabulosa «sopa de pedra»...

* * *

A saída, depois de ter assistido à exibição do filme, um espectador entusiasta dizia para os circunstantes:

— Vêem, Vocês?! Ora aqui está uma fita como eu gosto. Porque é que nós, portugueses, não havemos de fazer fitas assim!...

Se o leviano comentador que preferiu tais palavras, pousar os olhos sob esta página, verificará imediatamente, que «Esquadra à vista» é precisamente o género de filmes que nós nunca poderemos fazer — e, mais ainda, que só a América poderá tentar com êxito.

E nem sequer preciso lembrar-lhe que nos cafés do Rossio não é permitida a admissão a marujos ou a praças de pré...

Dorothy Lamour abandonou o «sarong» e os filmes da selva para interpretar as comédias em que ultimamente tem afirmado a sua graça e o seu talento





A senhora Eleonora Roosevelt, esposa do Presidente Roosevelt, acompanhando a senhora Chang-Kai-Chek, esposa do generalíssimo chinês, que se encontra presentemente de visita nos Estados Unidos. Esta foto, de uma actualidade flagrante, mostra-nos duas mulheres ilustres que são, também, duas das grandes figuras da política mundial.

LANA TURNER, a favorita da mocidade americana — cartaz vibrante sugestivo da beleza esplendorosa das raparigas dos Estados Unidos



A paisagem e o demónio

I

QUANDO nesse dia me embarcaram no «Niassa», uma certeza levava: era de que, se não naufragássemos, ia, enfim, ver África...

Eu conhecia a África — dos livros. E, pelos livros, mais de vinte anos, a ensinar!

Tão variada geologicamente, tão diversa em flora e fauna, de tão estranhas raças, de tão singulares civilizações; continente e ilhas, desertos, oásis, selvas, planícies, cordilheiras, vulcões, rios poderosos, imensos lagos, e vastas cidades rumorosas, avizinhasdas de gentílicas aringas...

Mas, há muito mais anos, eu conhecia outra África, que tinha um só aspecto — de solidão, de uniformidade telúrica, de monotonia vegetal! Conhecia-a dos sonhos; desde muito menino, nunca dormi sem sonhar; os sombrios pesadelos enchiam as noites da minha infância...

A costa, bravia e nua, sobe a pique. Do Mar Tenebroso, onde navego, só distingo, além das falésias, pardos areais, com ananinhos arbutos, de longos ramos ligeiros, que o vento impetuoso arrasta. De quando em quando, a calma imobiliza-os; mas como numa tortura interrompida, porque se adivinha que não cessou de todo o seu martírio: as suas pequeninas fôlhas estão tôdas trementes!

E esta paisagem volteava e corria pela costa adusta tôda a terra deserta, sem alma vivente, ao clarão dum luar nunca visto, com o calor do sol e o brilho alígio das estrelas...

— É a África! É a África! — reflectia.

Ora para mim, na infância, a África era o lugar da expiação dos grandes crimes — conforme ouvira. E, assim, sempre que contemplava este êrmo imenso à borda do mar, a minha vista sondava, interrogava, afligia-se, procurando descobrir qualquer figura humana; e, cansado os olhos sem os encontrar, meditava: — Onde estarão os degradados?

E o mar, gemendo, arfando, sem vagas, trágico de negrume, viscoso e luzente!

A êste sonho sucedia outro sonho...

A acção passava-se num telheiro de forno, pegado à casa onde eu morava, na povoação da Beira onde me criei.

Havia ali, para amassar a brôa, um grande caldeirão com água a ferver, suspenso de grossas correntes.

Ouvia um barulho sobre o canto da lenha; e logo me aparecia o Demónio. Alto e corpulento, tinha um semblante humano; mas em tudo o mais era caprino, a não ser nos cornos, retorcidos como chifres de carneiro.

Aproximava-se lentamente, e perguntava:

— Queres vender-me a tua alma?

Já sabia a minha resposta, seca, monossilábica, decidida:

— Não!

Em regra, nem esperava por ela; apenas fazia a pergunta, e até sem a acabar, investia.

Com uma agilidade espantosa, desviava-me; êle ia bater de encontro à padieira do forno, e ficava coberto de cinzas.

Eu era muito fervoroso crente e sabia orações de esconjuro — mas nunca atinava com elas, nem mesmo com o sinal da Cruz.

A luta prolongava-se: começava a sentir-me cansado, pisado, ferido... Então, juntando tôdas as minhas forças, e com o pensamento firme em Deus, numa maravilhosa segurança de golpe, agarrava o Demónio pelos chavelhos, e, dum só balanço, atirava-o para dentro da água, a ferver em cachão.

Nunca conseguia ver as carantornhas de Satanaz neste banho, porque eu era ainda de tão pequena estatura que, mesmo em bicos de pés, não alcançava os bordos do caldeirão.

Mas as patas, que ficavam de fora, em breve imóveis, traziam-me a alegre certeza de haver vencido e morto o Diabo!

Isto tudo acabou, ao entrar na puberdade. Foram então outros pesadelos, outras lutas...

II

Quando fui exilado, em 1925, tinha 40 anos. Satanaz nunca mais me aparecera; mas, em alguns momentos graves, me lembrara das suas tentações e das vitórias que sobre êle alcançara.

O «Niassa», fazendo a sua rota pelo arquipélago das Canárias, ao passar à vista de Tenerife encostara-se à ilha de Gomera. Ao primeiro relance das suas arribas, deparou-se-me, em chão amarelado e ressequido, a misera planta rastejante dos meus sonhos...

Que impressão abaladora!

Não me passou mais, horas e horas, a visão alucinante... E assim foi que, na última febril noite de bordo, revi, em sonho, a África do pesadêlo longínquo! E, seguidamente, encontrei-me no velho telheiro do forno, com o caldeirão fervente...

Ao canto, o Diabo pinchou sobre a ruma da lenha, que, com estrondo, desabou tôda: aproximou-se, e disse pausada, sarcásticamente:

— Eis-te, afinal, atado de pés e

mãos, prisioneiro. Já não poderás escapar; és meu — vencido... e vencido!

Retardei prudentemente a resposta às suas insolentes palavras; e o meu silêncio animou-o.

— Como pretendias, tresloucado, continuar lutando contra o meu poder?

Contive-me, e fraquejei:

— Mas nem sequer pensei mais em Vossa Excelência, desde a última vez que nos encontramos: porque atribuir-me, pois, qualquer intenção de hostilidade?

Então êle retorquiu:

— Nenhum acto de hostilidade, é delicioso, amigo! Passaste a vida a clamar pela Verdade, pelo Direito, pela Justiça, isto é, por aquêle que me jurou ódio eterno: porventura ignoras que Verdade, Direito, Justiça, são invocações do seu nome?

Senti que o infernal mestre de lógica me excederia em dialéctica, e não tergiversei mais:

— Pois bem: se queres recomendar, recomecemos — miserável!

E lancei-me a êle... Mas quantas vezes estive a ponto de ser subjugado!

Alguma coisa me faltava: a energia maravilhosa, a força angélica, à qual tudo é fácil, à qual tudo é possível. Em lugar de opôr-lhe, desde logo, um «não» decisivo, eu tentara discutir, iludir, parlamentar...

Procurei reanimar tôdas as fontes vivas da inocência e da fé, sopitadas no fundo do meu ser: e de repente, como outróra, dum só balanço atirei com o Inimigo para dentro do caldeirão.

Mais uma vez — vencera!

* * *

Febio Moniz, defrontando-se com o Cardial-Rei, que queria entregar Portugal a Filipe II — o Demónio do Meio Dia — imprecara:

— Podeis, Senhor, dispôr da nossa vida e dos nossos bens; mas não podeis dispôr da nossa alma — que essa só pertence a Deus!

O Demónio dispôs dos nossos bens e das nossas vidas, fuzilando, enforcando, degolando, deportando, sequestrando, roubando; mas não pôde nada sobre a alma de Portugal, que, sessenta anos depois, ressurgiu, em esplendor de épicas vitórias, tal como nascera em Cerneja e Ourique.

Ao acordar, o grito de São Tiago!... São Tiago! souo a meus ouvidos como um apêlo de batalha...

Passaram já tantos anos! Mas sei, meu Deus, que a minha alma, a minha alma de criança crente que lutou com o Demónio, não a vendi nunca, nem a venderei jámais.

LOPES DE OLIVEIRA

Se
todos
os
soldados

aprendessem
a ler...

30%

dos analfabetos
desapareceriam

em

PORTUGALI!



Neto de Portugal falando para «Vida Mundial Ilustrada»

QUANTOS são os que lêem e os que não lêem, em Portugal?

As últimas estatísticas ainda nos deram uns 60 por cento de analfabetos e, contra êstes números pouco honrosos, sabe-se que se se têm levantado campanhas bem intencionadas, umas vezes partindo directamente do Estado, outras vezes partindo da iniciativa particular. Contra o escalracho nenhuma lei conseguiu, entretanto, primicias para vencedor — porque, sabe-se também, o ir ou não à escola nem sempre é questão de gosto ou de vontade, mas antes questão de poder ou não poder, tão unida, desde sempre, à questão da montagem da máquina económica...

Ora, se a criança nem sempre pode ir à escola, porque cedo tem um papel social a cumprir — só há um remédio: encaminhar o adulto para as regras do abecedário. Simplesmente: o homem é ainda mais escravo do que a criança dessa engrenagem complicadíssima que é a vida — e, então, êle raras vezes pode também subtrair-se aos deveres do ganha-pão, pela devoção das letras.

Parece, assim, que o homem fica sujeito à escravidão da ignorância. Mas não fica, se quiser — ou quer êle queira, quer não. Êle tem que passar por uma rede apertada: a instrução militar, que dura uns 14 meses de ocupações intermitentes. E porque essas ocupações são descontinuas — por isso é que a reorganização militar, de 1938, previu a obrigatoriedade do ensino aos recrutas. Por ela se determina: nenhum soldado poderá ser licenciado sem saber ler. Até então, havia disposições, determinando que os soldados deveriam frequentar aulas de instrução primária. Mas como nenhuma sanção lhes era aplicada, se nada aprendessem — daí resultava que as aulas tornadas mais ou menos voluntárias não rendiam grandes proveitos. É claro que a própria determinação de 1938 — os jornais falaram há pouco do caso, como sendo coisa nova... — é ainda quasi letra morta. Mas sabe-se também — e isto é que a grande Imprensa ainda não disse — que estão em estudo e em organização grandes planos de campanha contra o analfabetismo, nos quartéis, prisões militares e penitenciárias, de maneira a converter em resultados práticos o espirito da lei, contida na reorganização do exército. Para tanto, se caminha encorajado por experiências. Ainda há pouco se falou do sr. Neto de Portugal, um sargento, aluno da Faculdade de Direito e que foi nomeado professor de instrução primária dos prêso da Penitenciária de Lisboa. Êle foi já professor de dois cursos de soldados — um em Almada, outro na Escola do Exército. No primeiro, dos 44 alunos que ensinou, 24 fizeram exame com distinção e 11 poderiam ter-se arriscado, sem re-

ceio de raposa; no segundo curso, dos 44 rapazes que ensinou, 25 fizeram exame com bom aproveitamento.

— Tão bom — diz-nos o sr. Neto de Portugal — que lhes foi passado diploma pelo ministério da Educação, o que confere ao seu aproveitamento tôdas as vantagens de um curso de instrução primária.

— Pode-se admitir que, para a campanha contra analfabetismo, as aulas dos quartéis são eficientes?

— Mas, sem dúvida! Pode-se afirmar que mais de 30 por cento dos analfabetos aprenderão a ler, no dia em que o soldado não possa sair do quartel sem que esteja em condições de fazer exame. Bastará que, em cada unidade, 60 homens aprendam a ler, todos os anos... Milhares de analfabetos passarão a letrados, há-de ver-se...

— Mas é muito difficil ensinar homens a ler, principalmente se êsses homens são galuchos...

— Difficil não é. É diferente de tudo o mais que seja ensinar. Mais do que um mestre, o professor do soldado tem de ser um amigo, um camarada, a quem se dá um cigarro, por cada problema que resolve em primeiro lugar.

E, sorrindo: — O magala tem sempre uma conversada, uma tia lá da terra que lhe trata da roupa — alguém que precisa de visitar à noite. Ora, as aulas, precisamente, têm de funcionar, mais ou menos, das 5 às 24 horas... Para arrancar os rapazes à tentação da rua, até à hora de recolher, desde que as aulas não sejam obrigatórias, só por suprema arte do professor ou intensa vontade de aprender, por parte do aluno...

O sr. Neto de Portugal sabe que é assim. Êle foi também recruta analfabeto. Veio da terra beiroa com imensa vontade de aprender e aprendeu: passava noites inteiras no quarto de banho do quartel, diante de uma vela, porque na caserna não era permitida a luz acêsa; sentava-se na selha de tejos e por mesa tinha outra selha igual. E quando, já mais tarde, os companheiros iam ver a Greta Garbo ou o Adolphe Menjou — êle ficava ainda agarrado aos livros a estudar. Foi assim que chegou a furriel, depois a sargento; foi assim que passou do liceu para a Faculdade; foi assim que aprendeu — para saber como havia de ensinar os que eram homens e que, como êle, não sabiam...

O sr. dr. Cristiano de Sousa — do Ministério da Educação — e o sr. sub-secretário de Estado da Guerra deram-se as mãos e estão a trocar pontos de vista. Com a boa experiência colhida por intermédio do sr. Neto de Portugal e a boa vontade das entidades oficiais — o espirito das disposições de 1938 pode converter-se em excelente árvora de frutos garantidos: a alfabetização de um pequeno povo que é pobre e que, para ganhar o pão de cada dia, nem sempre tem tempo para ir à escola...

Entre nós



O encarregado de negócios da Bélgica em Lisboa ofereceu, no Aviz Hotel, uma recepção aos directores e representantes da imprensa, que serviu para apresentar o sr. dr. Roger Motz, director dos Serviços de Informação do Governo Belga, estabelecido em Londres. Usaram da palavra os srs. encarregado de negócios da Bélgica e dr. Roger Motz, que saudaram os jornalistas presentes e se referiram ao esforço da Bélgica nas actuais circunstâncias.



No Conservatório Nacional, efectuou-se, com a assistência do sr. dr. Ivo Cruz, director daquele estabelecimento de ensino, a posse do actor Carlos de Sousa, novo professor do curso nocturno da cadeira de arte de representar. Em breves palavras, o sr. dr. Ivo Cruz fez o elogio do falecido professor Araujo Pereira, cuja dedicação pelo curso da noite enalteceu, dizendo esperar de Carlos de Sousa igual dedicação.



Na casa de Trás-os-Montes tomou posse, há dias, a nova gerência para este ano, da qual fazem parte, entre outros, os srs. drs. Agudo de Oliveira e Ferreira Deusdado. No acto, que foi muito concorrido, proferiram-se vários discursos.



Como todos os anos, esteve extraordinariamente concorrido e animado o baile anual dos estudantes de Medicina, que se realizou nos salões da Casa do Alentejo, na última quinta-feira.





O aeroporto de Lisboa

primeira "gare" da EUROPA

A actual guerra, que tão profundas transformações tem ocasionado, veio tornar a nossa capital o ponto de passagem obrigatório para todo aquele que do Novo Mundo se dirige a esta velha Europa.

Antes da guerra, abertos à navegação os portos da França e da Inglaterra, Lisboa recebia, como visitantes, os passageiros dos navios que, do norte da Europa, se dirigiam para a África ou para a Índia, através do Suez, e, ainda, os que iam a caminho das Américas, quando não tomavam o rumo directo, através do Atlântico.

Quando à navegação aérea, alguns anos depois da outra guerra, a nossa capital ficava fora do percurso de qualquer linha europeia, e somente de tempos a tempos um aviador mais arrojado sulcava os nossos céus, numa tentativa de atravessar

o Oceano, empresa essa sempre arriscada, e até então só reservada às travessias de ensaio.

Depois do começo desta segunda guerra mundial, uns após outros, todos os portos da Europa se viram obrigados a suspender o seu tráfego comercial e marítimo, quer pela imposição de um bloqueio, quer pela falta dos navios, agora inteiramente ocupados pelas necessidades militares. Somente Lisboa, devido à neutralidade em que se tem conseguido manter o nosso país, continuou aberta ao tráfego marítimo e aéreo.

Vinham já de longa data os projectos para a transformação do porto e da cidade de Lisboa numa base comercial avançada do continente europeu, onde pudessem ser concentradas as futuras linhas aéreas transatlânticas. Tanto para as Américas como para a África, a posição geográfica da cidade de Lisboa era a mais indicada para o estabelecimento de ligações directas e rápidas entre os três continentes.

Após as arrojadas travessias do Oceano, começadas pelo americano

Read em 1919, sobre o Atlântico Norte, e pelos nossos gloriosos aviadores Coutinho e Cabral, através do Atlântico sul, a imensidade do mar foi vencida e, a pouco e pouco, de experiência em experiência, o tempo de cada travessia era diminuído em algumas horas. Aos primeiros pioneiros seguiram-se os grandes aviões comerciais que hoje, através de todos os mares e continentes, asseguram uma ligação rápida e cómoda a passageiros e mercadorias.

Mesmo antes da travessia do Atlântico se fazer num tempo «récor», como hoje já se realiza, quando ainda só vinham ao nosso país os aviões da carreira de Espanha e o de Tânger, já a falta de um aeródromo, perto de Lisboa, se fazia

Ao alto: O edifício do Aeroporto visto da pista

Em baixo: As salas de espera e da Alfândega

sentir. Os passageiros que vinham de Madrid ou de Tânger eram desembarcados, primeiramente, na pista de Alverca, onde funcionava uma unidade de aviação militar, e ainda há pouco tempo, no aeródromo da Granja do Marquês, de onde eram conduzidos à capital em camionetas das empresas concessionárias.

Ambos os campos eram impróprios para o tráfego comercial, que impunha, como medida principal, a aterragem de qualquer avião a qualquer hora e com qualquer tempo. E isto era impossível, por causa do lamentável estado em que se encontravam, durante a estação invernal, os aeródromos de Alverca e da Granja.

Várias soluções e projectos foram

apresentados ao Governo, todos eles concordando em que o melhor seria começar pelo princípio. Ou seja: construir um aeroporto novo, de modo a criar só vantagens ao tráfego comercial.

As opiniões divergiam, entretanto, quanto ao local onde se devia erguer um que os terrenos do Montijo seriam o local ideal, enquanto que outros optavam por campos mais ou menos a propósito. Afinal, venceram aqueles que defendiam a ideia de que as instalações deviam ficar na Portela de Sacavém, onde então só

existiam grandes terrenos ondulados e cortados em todas as direcções por inúmeras azinhagas.

Um aeródromo neste ponto, não longe do centro da cidade, teria a vantagem de suprimir o largo percurso que seria imposto aos passageiros para atingir Lisboa; e dava, ao mesmo tempo, vida e valor a esta parte da nossa capital, até então ocupada por terras cultivadas e baldios.

Aprovado o projecto, começaram-se os trabalhos preparatórios: expropriações e terraplanagem dos terrenos que viriam a constituir a

futura pista. Centenas de milhares de metros cúbicos de terra foram removidos, antes de se começar a colocar o cascalho e a delinear as futuras faixas de rodagem.

Graças aos esforços do actual ministro das Obras Públicas, sr. engenheiro Duarte Pacheco, a quem verdadeiramente se deve a construção do Aeroporto, já durante o ano de 1941 se haviam concluído as terraplanagens, drenagens e a macadamização dos pavimentos. Levou-se também a efeito o revestimento betuminoso das pistas, da plataforma de estacionamento e procedeu-se ao arrelvamento do terreno que abrange uma área de cerca de 700 mil metros quadrados, onde foram lançados 10 mil quilos de sementes de sete variedades, vindas directamente da América do Norte.

As faixas de rodagem, admiravelmente macadamizadas, estendem-se por entre o relvado, procurando os ventos dominantes da região, e concentrando-se num ponto que as liga à plataforma de estacionamento,

junto dos edificios do comando e da alfândega.

No ano passado, começou a construção destes edificios. Estão ali hoje instalados a administração do Aeroporto, a alfândega e uma pequena oficina com o material necessário para reparações ligeiras.

Al fômos encontrar o sr. tenente-coronel aviador Carlos Beja, que hoje se encontra a dirigir os serviços do Aeroporto da Portela.

O campo de aviação de Lisboa encontra-se aberto ao tráfego aéreo, desde que no dia 15 de Outubro o sr. ministro das Obras Públicas, num dos aviões da «British Airways», acompanhado pelo ministro da Grã-Bretanha, oficiais superiores da aeronáutica, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e representantes da Imprensa, após um curto voo pela capital, procedeu à sua inauguração simbólica.

O aeródromo começou imediatamente a ser utilizado pelos aviões que antigamente tocavam terra na Granja: aviões ingleses da «British

Airways», italianos da «Ala Littoria», e alemães da «Lufthansa», espanhóis da «Ibéria» e portugueses da «Aero Portuguesa», passaram, assim, a ter assegurada, com a construção desta pista, uma aterragem em boas condições, em qualquer estação do ano.

No entanto, apesar de aberto ao tráfego aéreo, o Aeroporto da Portela não se encontra ainda completamente equipado para o desempenho da sua missão, o que não é, todavia, culpa dos seus construtores, mas porque, realmente, não foi possível apetrechá-lo completamente.

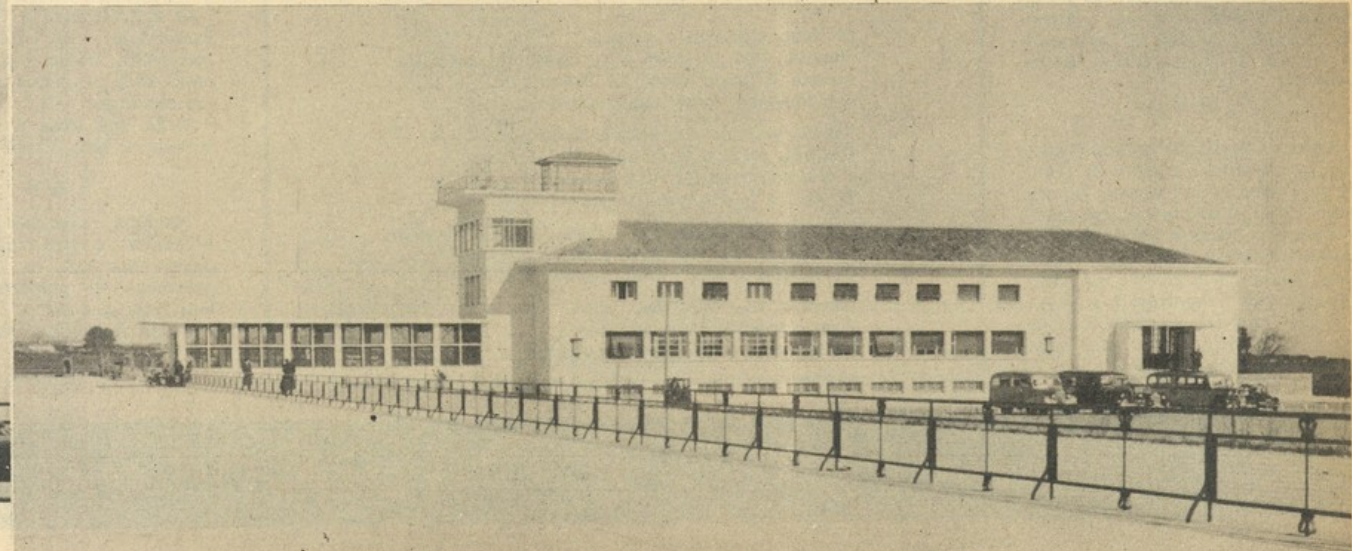
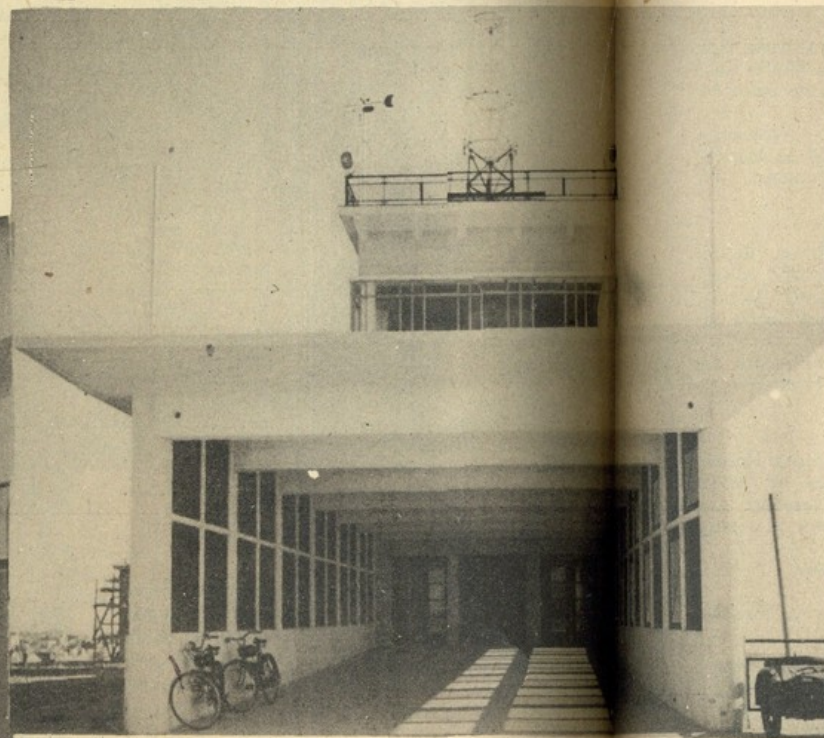
A necessidade mais urgente é a da aparelhagem de protecção à navegação aérea que está encomendada na América do Norte. Depois, falta também a construção dos «hangars» — um problema que se conta resolver de um momento para o outro.

Uma vez acabado o seu apetrechamento e logo que principie a ser utilizado com mais frequência pelos aviões de carreira, prevê-se que a exploração do Aeroporto da Portela de Sacavém venha a ser entregue a uma empresa concessionária, que tome a seu cargo as principais carreiras aéreas do nosso país. Por enquanto, porém, o Governo decretou que uma comissão administrativa tomasse conta da exploração do aeródromo, enquanto que um oficial superior da aeronáutica, com o título de director, dirigirá todo o serviço de tráfego e fiscalizará o cumprimento das leis e regulamentos da navegação aérea.

Para este cargo, onde as responsabilidades não são pequenas, foi indicado, como dissemos, um dos aviadores mais distintos da nossa aeronáutica militar — o sr. Carlos Beja, ainda há pouco director das Oficinas de Material Aeronáutico de Alverca, e, para director adjunto, o piloto Carlos Bleck, pioneiro da nossa aviação civil.

Foi aquele ilustre oficial que teve a amabilidade de nos dar todos os esclarecimentos durante a visita que fizemos às várias instalações do Aeroporto. E foi ele que, com esses esclarecimentos, nos fez compreender que, uma vez acabada a guerra, Portugal, pela sua posição geográfica e pelas magníficas instalações da Portela, vai desempenhar um papel importante nas ligações da Europa com a América e a África, idêntico ao que desempenhou o estuário do Tejo, durante a época áurea dos descobrimentos, quando Lisboa era o ponto de partida e de chegada das caravelas da carreira da Índia e das Américas ou do longínquo Pacífico.

CARLOS CALIXTO



CALCADA DA GLÓRIA

ELECTRIZAÇÃO

A «Electra» teve o condão de electrizar a nossa burguezia intelectual. Na noite da estreia, a Lisboa literária e «snob» deu-se «rendez-vous» no D. Maria. A crítica apresentou-se na sua máxima força. Estava tudo — desde a erudição do sr. Eduardo Scarlatti ao humorismo do sr. Armando Ferreira. Os críticos mesmo na reserva, como dr. José Ribeiro dos Santos, lá estavam, de olhar arguto, com o vasto programa aberto sobre os joelhos, à semelhança dum largo guardanapo de papel branco. Os camarotes povoaram-se de narizes loiros e morenos, espevitando na atmosfera doirada. A própria galeria regorgitava de gente coricheida. Quando o espectáculo começou (às 6 da tarde como as tragédias gregas), fez-se em toda a sala, pintada de fresco, um ofegante silêncio de expectativa. Ia, enfim, assistir-se à reclamada trilogia do sr. Eugénio O'Neill, em cujos 14 actos, divididos por três peças — «Regresso ao lar», «Expição» e «Fantasmas» — nos era oferecida a vida sinistra da família dos Mannons, poderosos senhores americanos capazes de tudo, ao que parece, mesmo de inspirar uma trilogia. Por volta das oito e meia, houve intervalo para jantar. Noventa minutos depois, recomeçava o espectáculo — que se prolongou até às duas da manhã. Mas às onze já havia bocejos; à meia noite ressonava-se, aqui e além, o mais intelectualmente possível; e, à uma e meia, mais do que uma pessoa, supondo que era manhã, pedia aos porteiros café com leite e torradas.

No dia seguinte, a crítica estendia-se nos jornais, falando da «Electra» e do sr. O'Neill tão familiarmente como se a infeliz senhora frequentasse a rua do Ouro e o seu illustre pai fosse, todas as tardes, tomar o seu café à «Brasileira» do Chaido. Não vamos — Deus nos livre disso — fazer uma nova crítica à obra, mas se a anedota constitui, de facto, a consagração da história, afigura-se-nos que não deixa de ter a sua oportunidade contar algumas anedotas e alguns ditos de espirito que a «Electra» houve por bem sugerir, e que, não diminuindo o esforço artístico que representou a montagem e a realização da peça, mostram à evidência que, mesmo nas grandes tragédias, o português se permite, por vezes, o luxo de ser optimista.

II II

Antes de se iniciar o espectáculo, Henrique Galvão, tradutor da obra, leu uma espécie de biografia do seu autor. O papel tremia-lhe nas mãos e, como era pouca a luz do proscênio, a leitura foi feita com hesitações. Houve quem notasse que Galvão não viesse de «frack».

— De «frack»? — comentava alguém — Ele bem sabe que dos «fraks» não reza a história...

P R I M A V E V A



D. Veva olimpica e serena
Que eu vejo em sonhos na amplidão distante,
Possue a graça ideal de Helena,
E a fantasia duma extravagante;

Tem a palidez da mística açucena,
Um não sei quê da Beatriz do Dante;
É a artista gentil, a flor morena
Cheia de aroma puro e cativante.

Não sei que mimo, que esplendor, que harpejo,
Eu sinto dentro em mim quando a vejo
Com olhos subtis e rendilhados

Miramido, sorrindo, toda chic,
Para o marido, o dr. Ulrich,
Na rua São João dos Bemcasados

Num «fauteuil» da terceira fila, uma senhora, com ar erudito, explicava a uma outra que lhe perguntara quem era a *Electra*.

— Não sabes? Era uma figura da Biblia!

II II

Nos corredores, os intervalos animavam-se de comentários. Havia quem comparasse o fatigante comprimento da representação a uma viagem, no correio, de Lisboa ao Porto, em que cada intervalo fosse uma paragem.

— Janta-se no Entroncamento ou na Pampilhosa? — inquiria um conhecido jornalista.

Logo João Paulo Freire, sorrindo: — A viagem é em mala-posta, meu amigo. Janta-se em Maçãs de D. Maria!

II II

O dr. José Ribeiro dos Santos, no intervalo da segunda peça para a terceira, exclamou, de cigarro em punho:

— Acabou-se a *biologia*. Vamos para a trilogia...

II II

Quando terminou um dos actos, viu-se Gustavo de Matos Sequeira caminhar, através do átrio, em direcção à porta de saída.

— Você vai sair? — perguntaram-lhe.

— Não me demoro. Vou telefonar ao «Sécuro» a dizer que já há dois mortos...

II II

Um assíduo frequentador das «premières», desolado, a certa altura, por já não haver «sandwichs» à venda, atirou a quem o quis ouvir:

— Não posso resistir mais — por falta de munições...

E foi-se embora.

II II

Que diria o Garrett se visse esta peça? — inquiria o dr. Mário Cais Esteves junto do busto do autor do *Frei Luis de Sousa*.

— Não dizia nada — respondeu-lhe alguém que estava ao lado — As grandes dores são mudas!

II II

O dr. Miranda e Sousa, illustre conservador do Registo Civil, comentava, perante aquela interminável série de óbitos que ocorre na representação:

— Se isto fosse a sério, era de enriquecer uma Conservatória!

II II

No final duma das peças, Robles Monteiro, caracterizado de jardineiro, apareceu a agradecer os aplausos — de monóculo. A nosso lado, elucidam-nos:

— Na América, é assim...

(Continua na pág. 22)



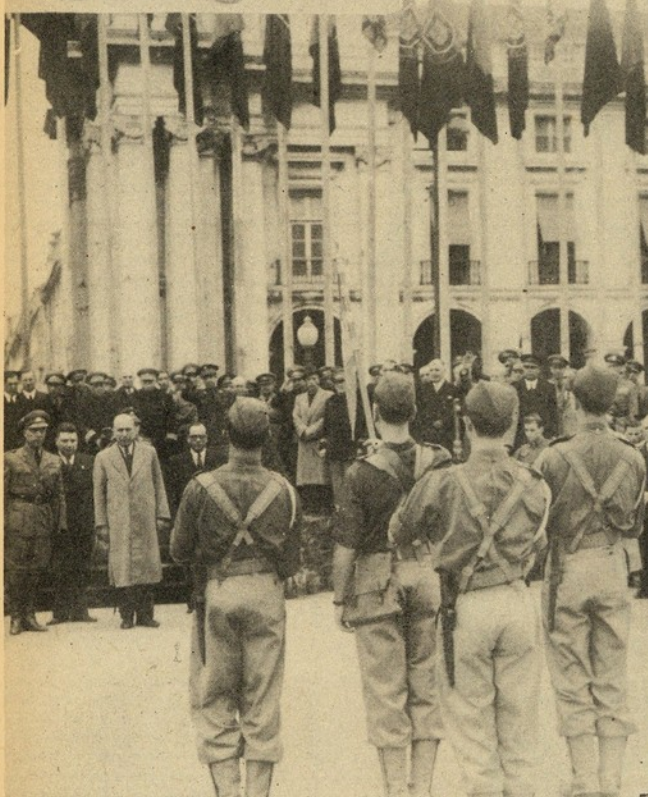
GENERAL MITLAND WILSON

Um dos chefes militares mais prestigiados da Inglaterra, com uma larga experiência da guerra do deserto, ocupa agora no Egito o lugar que Alexander deixou vago pela sua transferência para o comando das operações na frente de batalha da Tunísia

(Caricatura de SANTANA)



Entre nós



A Mocidade Portuguesa teve a semana passada um dia de verdadeira exaltação patriótica na cerimónia, levada a efeito em Lisboa, da entrega de um guião verde e ouro à milícia da mesma instituição. E d'esse acto, que foi presenciado com aplausos pela população, os três aspectos que publicamos nesta página. Na foto da direita, o dr. Marcelo Caetano lendo a sua alocução. NA OUTRA FOTO, A DIREITA: o comandante do «Alfonso de Albuquerque», sr. Guerreiro de Brito, acompanhado de sua esposa e filhos, no momento da chegada d'este «aviso», que há dias regressou ao Tejo depois de uma longa viagem de cinco meses por vários mares e oceanos.



A Empresa Concessionária de Recuperação de Óleos de Lubrificação inaugura há dias, em Cabo Ruivo, a sua nova fábrica, cerimónia de que damos estes dois aspectos gráficos. Ao acto assistiu o sr. Presidente da República e outras individualidades oficiais.

panorama internacional

Avista da furimavera

S E os acontecimentos internacionais não se sucedessem já neste momento pelo sulco indesejável da solução que, a maior ou menor prazo, se antevê para seu desfecho no campo

A BATALHA DE KASSERINE

No dia 11, refere-se de Argel que os comandos aliados preparavam, sem demora, a ofensiva geral para liquidar a situação na Tunísia. Anunciava-se que o general Alexander não retardaria a sua chegada ao quartel general de Eisenhower como chefe de operações. A ofensiva seria simultânea do 8.º exército pelo sul, onde Montgomery o acumulava dia por dia, do 1.º exército britânico, de Anderson, sobre a frente norte e sudoeste de Bizerta e Tunes, e dos franceses e americanos do lado do sul. As tropas francesas acabavam, no entanto, de ser rendidas, depois de tão valentemente se baterem, a fim de virem reorganizar-se no corpo, cuja organização Giraud ordenara ao general Kloetz, vindo o general Juin para os trabalhos do alto comando.

Montgomery começara a apertar mais os contactos à linha Mareth,

cingindo-se à faixa do litoral em Ben Gardane, através do mau tempo que estorvava a actividade da aviação. A presença de Leclerc nos «chotts» pantanosos, à retaguarda da mesma linha de fortificações e das forças aliadas em Gafsa estrangulava a entrada do corredor da costa de encontro ao porto de Gabés.

Rommel e von Arnim não se demoraram. No dia 14, às primeiras horas da manhã, com as duas «panzer» reconstituídas, a 21.ª alemã e a «Superba» italiana, trazidas do sul, foram desencadeados dois ataques a norte de Sbeitla e outro pelo desfiladeiro de Gafsa. As tropas do 5.º exército americano de Clark não os aguentaram. Gafsa ficou isolada. Dois ou três mil prisioneiros e bastante material premiaram os ataques alemães que dois dias depois se aprofundava no encaicho numa retirada dos Aliados, furtando o choque ao inimigo. A batalha entrava nos matices do Atlas. O flanco esquerdo do 1.º exército britânico ficava a descoberto. Rommel ferira no ponto de ligação de ingleses e americanos, abrindo uma brecha de 28 quilómetros. Por ela, através do desfiladeiro de Kasserine meteu uma cunha cujas avançadas chegaram a 18 e 19 até cinco quilómetros de Tebessa e de Thala, enquanto direita ao norte outra coluna seguia sobre Sbiba. Se conseguisse tocar no objectivo, toda a frente aliada teria de ser recuada até oeste de Bizerta, e no sul para trás de Tozeur. Houve alarme. O general Alexander apareceu. Máquinas, tropas, aviação dos ingleses vieram enfrentar, numa barragem, a linha do avanço inimigo. Entre 22 e 24, a linha do ataque alemão desmorolava-se já numa frente ofensiva desde Tozeur, atrás dos pantanos

por Francisco Velloso

salgados, por Medini e Feriana, ate norte de Sbeitla, e prendia-se às antigas posições aliadas numa espécie de colchete, em Pichon sobre os contrafortes. Foi à resistência frontal, mas, segundo parece, à feita neste último ponto, que deveram os Aliados salvar a situação. Na tarde de 24, as famosas Guardas Inglesas entravam a fundo a contra-atacar. Alexander dirigia, pessoalmente, a reacção. Massas de aviação caíam sobre os alemães. Desde Tebessa, pelo desfiladeiro de Kasserine, e desde Sbiba para Sbeitla, os aliados forçaram Rommel a retirar deixando um milhar de italianos cercados no desfiladeiro, como os americanos haviam ficado em Gafsa dias antes. A 26, a vitória de Alexander no triângulo Thala-Feriana-Kasserine era evidente. O comunicado alemão, sem mais remédio, dava a batalha por terminada quando os Aliados, sob a protecção das arrazadoras esquadras aéreas do general Tedder, desciam já para Gafsa, dando as mãos nas linhas anteriores, sobre a direita, às importantes forças francesas do general Leclerc, operando na área a sudoeste do Chott Djerid, com as tropas do coronel Delay, até Douz, cerca de 24 quilómetros à retaguarda da Linha Mareth. O crítico do «Daily Express» informava, porém, que 300 a mil soldados alemães chegavam de reforço à Tunísia, e que uma nova batalha violentíssima teria Alexander de travar com um inimigo de 250 mil homens. O assalto final dos Aliados, dizia-se, tinha de ser retardado. Fora este porventura o fito dos dois comandantes alemães? Berlim chegara a anunciar que Rommel ia assumir o comando supremo na África do Norte, com os laureis de um novo e brilhante feito de armas que conservaria o Eixo ali por largo tempo, como protegendo a Itália e o acesso à Europa ocidental. Mas a batalha de Kasserine, através de tudo (Eden chegara nos Comuns a recusar-se a dar notícias), fora ganha pelo vencedor de El Alamein.

No dia 24, Montgomery, depois do inimigo abandonar a ilha de Jerba, a algumas milhas ao largo da costa da Tunísia, onde a Linha Mareth encosta o mar, ocupava a ilha e começava, com as concentrações ultimadas, não só o tacleio mas a batalha aérea contra as fortificações, quando o recuo de Rommel se contava já por mais de 14 quilóme-

tros desde a primitiva linha de ofensiva.

TRAJECTÓRIAS

Até onde irão estes acontecimentos, se eles ficarão por aqui, se serão prosseguidos por Alexander e Eisenhower (o general De Gaulle enviara a este um amistoso telegrama no dia 20, quando o 8.º exército e as tropas da França combatente passaram ao seu comando, o que assinala feliz mudança de ambiente, que aliás se nota também na situação política geral na África

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. **NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

Um dos derradeiros momentos do drama de Estalinegrado. Este avião de transporte alemão, prepara-se para evacuar os últimos combatentes dos exércitos do marechal Paulus.



Francesa, mediante a depuração de elementos ainda fiéis a Vichy, como Boisseau, equívoco governador de Oran), tudo isto ainda se ignora no último dia de Fevereiro. É forçoso esperar pelos factos, tanto mais que estamos assistindo, neste momento, a uma espécie de corrida dos dois adversários para a mesma méta da primavera, que já não vem longe, e vão devorados os dois primeiros meses do ano.

Essa corrida, à procura de uma dianteira, aparece clara em factos assás evidentes como trajectórias de balas ao mesmo alvo: — a actual situação da batalha de leste, a mobilização alemã, a ofensiva da aviação aliada, esta a jogar com a primeira contra a segunda.

No dia 18, a batalha de leste estava em alta tensão. Era na altura do apêlo de Goebbels. O comunicado russo salientava que a Alemanha atirava para lá o máximo de reforços. O esforço russo repartia-se em três direcções: de Orel para Briansk, de Karkov para Pollava, de Sliviansk para Dniepreptovsk, de Estalino para Marimpol. A resistência alemã referia na curta península de Kuban, resto da vasta ocupação no Cáucaso, onde von List, depois de retirar o grosso do exército, se afina a defender qualquer veleidade inimiga sobre a Crimeia e a proteger o pórtio de Marimpol pelo sul; e em toda a bacia do Donetz, onde no dia 28, diziam de Moscovo, importantes centros industriais passam freqüentemente de mãos a mãos dos adversários. Kramatorskaya era dado, por exemplo, nesse dia, como reconquistado pelos alemães.

Para o norte, e propriamente no centro, o mesmo aspecto se notou durante toda a oitava. O desgelo, prematuramente começado este ano, favorece a resistência germânica. Só a 25, os russos logravam chegar, lenta, empenhada e dificilmente, a Maloargersk, ao sul de Orel, a Sumi, que fica a 150 quilómetros a noroeste de Karkov, a Altirk e a Lebedin, esta a 50 quilómetros de Paltava. A batalha afoqueava sucessivamente mais para o norte, desde o ponto máximo do avanço de Golikov, em Konope, seguindo depois em larguíssimo arco reinterante por tórno de Orel até às regiões de Suniniki, Pirov e Grahtz, já a ligar com os sectores agitados de Viazma e Veliki-Luki, reacendendo-se nos últimos dias entre o Lago Ilmen e Leninegrado.

Que significa esta modificação? Em certos pontos, o russo, dizem de Estocolmo, têm de fazer um esforço quasi sobrehumano. O desdobramento da ofensiva, como o da defesa, não pode permitir intensificações na gente e nos meios materiais. O tenente-general Belov chegou a manifestar a opinião de que a época dos grandes choques de tanques já passou. Roosevelt, ao comemorar o aniversário do grande Washington, advertia, no dia 23, os americanos optimistas que «acolheram as vitórias do exército russo como indicando que a vitória das Nações Unidas está eminente».

O vice-presidente dos Estados Unidos, Wallace, insistia, nessa mesma data:

«A Alemanha poderá ser derrotada em 1943. Mas isso não sucederá se seguirmos a politica daqueles que supõem que os russos vão ganhar a guerra para nós, sem novo auxilio nosso».

Os combóios de material de guerra continuam a chegar através de todos os riscos ao pórtio ártico de Murmansk, o último a 24, nos dias agudos a que vimos de aludir. E para avaliar como a batalha de

leste é insaciável de material — e está provado que a Rússia em tais auxilios não poderia manter-se — veja-se só este recorte das revelações do Primeiro Lord do Almirantado Britânico, Alexander, em-Bristol, no dia 20:

«A Grã-Bretanha e os Estados Unidos haviam enviado para a Rússia 6.200 «tanks» e 5.600 aviões até ao fim do ano passado. Dêstes, 3.000 aviões e 3.000 «tanks» foram fornecidos pela Grã-Bretanha. Foram também enviados para a Rússia 85.000 camiões, na sua maioria americanos. «Além disso, nós e os Estados Unidos enviámos 100.000 toneladas de máquinas, ferramentas, metais, munições, pequenas armas e alimntos».

NO CAMPO ALEMÃO

Trata-se, como se vê, de uma situação de apêlos e de imolações. Do lado alemão, ela não é diferente. No dia 17, o dr. Schmidt, chefe dos serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reich, ao regressar de visita aos «países de sueste», as terras da mobilização, concluiu perante jornalistas:

«O destino das batalhas de uma campanha é uma questão secundária. O principal é a resolução inquebrantável de luta e de vitória».

Sete dias volvidos, o secretário de Estado, Essler, lia, em Munique, no dia do 10.º aniversário da fundação do partido, um apêlo de Hitler. O documento, similar a outros emitidos em igual comemoração, contém, no entanto, duas passagens importantes.

«Conheceis — disse o Fuehrer —

tôdas as circunstâncias que permitiram ao inimigo de leste, de maneira análoga às forças naturais do último inverno, anular, também, na presente estação, parte dos êxitos alcançados pelo heroísmo dos nossos soldados durante o verão».

E, reportando-se ao esforço necessário, lançou a palavra de ordem: — a mobilização da Europa. «Consideramos como perfeitamente normal não poupar vidas estrangeiras, num momento e m que se pede à nossa própria existência tão duros sacrifícios. Vamos dominar o terror. Realizaremos a mobilização de valores morais e materiais em proporções que a Europa jamais viu».

Ora, esta mobilização vai de fora em fora, dentro e além das fronteiras da Alemanha. Lia-se, no meado do mês findo, na imprensa oficial alemã, o seguinte:

«Na Alemanha verifica-se, presentemente, um levantamento em massa dos 80 milhões de habitantes, um «levantamento popular dos esforços nacionais» pelo qual são chamados às armas da guerra total desde ao último homem à última mulher. A 28 de Janeiro de 1943, publicou-se a lei sobre a obrigatoriedade do trabalho de guerra, segundo a qual deve passar a prestar serviço, na produção de guerra, toda a mão de obra que até então se não ocupava ainda na economia de guerra, e, a 4 de Fevereiro, o ministro da Economia do Reich deu a conhecer um amplo plano de encerramento de casas comerciais, oficinas de artifices e restaurantes».

Hitler não recua ante o menor sacrificio. Demitiu os almirantes Raeder e Boehm dos altos comandos da

da esquadra, confiando-os a Doenitz, chefe dos submarinos, porque estes são a grande arma neste momento. Chamou de novo à frente do exército generais de alta estatura, como Halder e outros que em Setembro se haviam afastado, tal como Brauchitch. A própria imprensa alemã é rude de clareza. «Querês saber como foram possíveis os reveses de leste? — perguntava no dia 18 de Fevereiro o órgão da industria pesada renana, «Bergwers Zeitung».

A Wehrmach conheceu reveses porque na guerra não há direitos de autor, e os bolchevistas puderam apropriar-se dos métodos alemães e bater os exércitos do Fuehrer».

Há uma compreensão exacta e meridiana do momento quando se fazem evacuar as costas francesas numa faixa necessária aos serviços de defesa, quando se faz sair da zona de Salónica a população civil inútil, quando se artilha a costa búlgara do Mar Negro.

HORIZONTES

Como respondem os Aliados? Aumentando também, a proporções sem precedentes, a ofensiva de bombardeamento das cidades alemãs. Opondo à acção dos submarinos alemães, que continuam a semear os mares de destroços, a dos seus no Mediterrâneo, ao longo da costa da Tunisia, entre Malta e Creta, no sul da Itália e da Sardenha, segundo se infere das indicações do almirantado.

Renasceu a questão da Segunda Frente há dias na Câmara dos Lords, posta por Lord Beaverbrook. Admitia o antigo ministro, o que não é novidade, que o alto comando alemão poderá montar ou ter já montada a linha de defesa de Riga a Odessa, suportada a meio nos pantanos do Pripet, hipótese já posta na imprensa britânica pelo critico militar do «Daily Mail», o que ainda admitia nela a variante carpática. Partindo do principio de que a Alemanha tem disponíveis 250 divisões, cálculo feito para o seu novo exército da primavera, aquela frente (na hipótese duma retirada mais funda na Rússia, a qual, como vimos, os factos ainda não confirmam, apesar de na imprensa alemã se haver já prevenido dela a opinião pública) poderia cobrir-se com cem divisões. E com o resto — dizia Beaverbrook, e certas fôlhas americanas o repetiram — Hitler atacará no ocidente ou estará pronto a contra-atacar se tomarem a ofensiva continental contra ele.

Será assim? O que se sabe, segundo os informes dos correspondentes suecos nos meios autorizados de Berlim, é que o general Fromm, como Bornam, recebeu instruções de Hitler para organizar um exército de reforço. Foi encarregado de recrutar antes da primavera um exército de dois milhões e meio de homens.

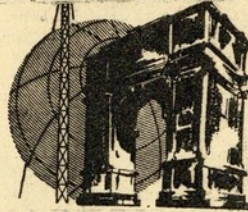
Esta força incluiria um milhão e meio de romenos e ucranianos brancos, 400 mil belgas, 350 mil holandeses e 100 mil noruegueses. E será destinada a policiar a Polónia e as partes da Rússia ocupadas, libertando assim as tropas das garnições alemãs que ali se encontram, para aumentar os exércitos de Hitler na frente. Todos os postos acima de capitão seriam preenchidos por alemães. Em Berlim esperava-se, em Janeiro, que a mobilização começaria no principio de Março. A sua organização integraria as forças dos «voluntários» contra o bolchevismo.

John Simon julgou perigoso abordar o assunto, e repetiu que os bombardeamentos também são uma segunda frente... E Beaverbrook retirou a moção.

ESCU Tai

ROMA

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS



Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
14.10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
17.00	Noticiário	2 RO 26	48.23	6220
		2 RO 17	15.31	19590
21.50	Noticiário	2 RO 66	19.61	15300
		2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
		221.10 ondas	263.20 médias	
24.00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSAÇÕES EM LINGUA PORTUGUESA.

21.10	aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa

2

A REACÇÃO AMERICANA

As primeiras notícias do desastre de Pearl Harbour foram comunicadas à imprensa por intermédio da Casa Branca. Foi o secretário do presidente, Stephen Early, que depois de uma grande notoriedade devia alcançar, quem as anunciou num comunicado oficial cuja leitura produziu, como é natural, uma impressão justificada e uma sensação digna do mais retumbante acontecimento jornalístico deste século. Poucos minutos depois de ter comunicado aos representantes da imprensa americana, para que estes a transmitissem aos seus milhões de leitores, a notícia de Pearl Harbour, Stephen Early recebeu e comunicou uma outra notícia que, se não era tão sensacional como a primeira, devia considerar-se como o seu dramático complemento. Os japoneses haviam atacado por métodos idênticos e com a mesma violência a base de Manila e preparavam-se para realizar desembarques em vários pontos do arquipélago filipino. Era, portanto, todo o sistema de segurança que os americanos haviam improvisado no Pacífico que se encontrava ameaçado de paralisação irremediável.

Notícias posteriores, divulgadas no decurso daquele mesmo fatídico dia 7 de Dezembro, relatavam que os ataques tinham prosseguido,

embora com uma insistência menor, nas Hawaii e nas Filipinas. Ao fim do dia, Manila aparecia como o objectivo mais violentamente visado pelos ataques japoneses. A reacção americana ia produzir-se com uma rapidez e com uma intensidade inesperadas. Limitada inicialmente aos meios restritos de políticos e militares, não tardaria a alargar-se ao conjunto da população, que começou a manifestar, de maneira inequívoca, o propósito, não apenas de resistir à agressão de que a sua pátria fôra objecto mas, o que era mais significativo e anunciador de um estado de espírito inteiramente novo, de vingar aquilo que os americanos passaram a designar como a maior afronta sofrida durante toda a sua História. A imprensa dos Estados Unidos evocou, em artigos extensos e em títulos sensacionais, a actividade diplomática desenvolvida pelos seus adversários durante a semana que precedeu imediatamente a eclosão das hostilidades para concluir que o país fôra objecto de um ataque premeditado, o qual, em última análise, visava a sua destruição total. O que logo começou a constatar sobre a extensão dos estragos produzidos em Pearl Harbour era bem de molde a justificar esta suposição.

AS PRIMEIRAS PROVIDÊNCIAS

Logo que tomou conhecimento destas notícias, o presidente dos Estados Unidos ordenou a mobilização total do Exército e da Armada e determinou que a força americana em terra, no mar e no ar cumprisse as ordens que previamente haviam sido dadas a fim de se assegurar eficazmente a defesa do território nacional. A realização imediata desta tarefa era, efectivamente, a primeira condição da reacção americana. Durante todo o dia 7, reuniram-se com o Presidente os principais chefes militares e políticos norte-americanos, os secretários de Estado para a Guerra e para a Marinha e o chefe do Estado Maior, general Marshall. Durante a tarde efectuou-se também uma importante reunião do gabinete, na qual foram aprovadas as primeiras medidas defensivas preconizadas pelas autoridades militares. À noite, o Presidente recebeu e conferenciou com alguns dos mais categorizados dirigentes dos partidos democrático e republicano.

A justificação da indignação suscitada em todo o território dos Estados Unidos pelo procedimento

japonês, foi fornecida ainda pelas entidades oficiais no mesmo dia 7 de Dezembro. O secretário do Presidente, Stephen Early, revelou que o ataque se produzira não apenas quando juridicamente as duas nações se encontravam em paz, mas quando entre os governos de Washington e de Tóquio prosseguiam as conversações diplomáticas que se haviam realizado por iniciativa nipónica e que tinham sido conduzidas sucessivamente pelos embaixadores almirante Nomura e Kurusu. Na véspera do ataque, o embaixador japonês, Nomura, estivera no Departamento de Estado a fim de entregar uma nota do seu governo em resposta à que o Secretário de Estado, Cordell Hull, dirigira ao governo japonês no dia 26 do mês anterior. A nota japonesa, declarou mais tarde Cordell Hull, estava a ser objecto de um cuidadoso exame quando soaram as primeiras explosões em Pearl Harbour. A declaração de guerra só mais tarde fôra entregue e já quando a agressão havia produzido todos os seus efeitos. A revelação destes episódios até ali desconhecidos produziu, como é natural, a maior impressão.

A DECLARAÇÃO DE GUERRA

No dia seguinte ao do ataque a Pearl Harbour reuniu-se, em sessão conjunta, o Parlamento norte-americano para apreciar a situação. A esta sessão histórica assistiam muitos dos homens que, com a sua profissão de fé isolationista, haviam contribuído poderosamente primeiro para desarmar, moral e militarmente, a nação e, depois que ela começara a rearmar-se, tinham feito, dentro da lei e da Constituição, tudo o que era humanamente possível para entrar o esforço de rearmamento. Era principalmente entre os senadores que se recrutavam os elementos, poderosos sob o ponto de vista político, cuja acção contribuíra para chegar ao resultado que a nação unanimemente deplorava. Mas foi precisamente entre esses que se recrutaram os que mais entusiasticamente aplaudiram a leitura da mensagem que o presidente Roosevelt dirigiu aos representantes da nação americana reunidos para sancionarem a sua acção enérgica e também a sua política previdente.

A mensagem presidencial, depois de relatar rapidamente como se produzira o ataque a Pearl Harbour, quando ainda se encontravam em curso negociações di-

plomáticas, acentuava que aquêl acto de guerra se produzira ao mesmo tempo que outros registados ao longo das costas americanas, na Malásia, em Hong Kong, em Wake e em Guam. A última parte do documento presidencial era constituída por uma exortação ao povo americano: «O povo dos Estados Unidos já formou a sua opinião. Ele compreende as consequências destes factos para a sua própria vida e para a segurança da nação. Como comandante-chefe do Exército e da Armada ordenei que fôsse tomadas todas as medidas para a nossa defesa, mas quero que a nação recorde sempre o carácter especial do ataque que foi lançado contra nós. Seja qual for o tempo que levarmos a domi-

MEDICINAL

PASTA COUTO

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou biomíticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L. da. Porto

nar esta agressão premeditada, o povo americano, que tem a justiça do seu lado, saberá caminhar até alcançar uma vitória total. Creio interpretar a vontade firme do Congresso e do povo americano ao afirmar que não pretendemos apenas defender-nos mas que saberemos proceder de maneira que esta forma de agressão nunca mais possa atingir-nos.» Era a primeira manifestação pública do princípio da rendição incondicional que mais tarde havia de ser proclamado em Casa Branca.

A MENSAGEM PRESIDENCIAL

A mensagem do presidente dos Estados Unidos continha ainda as seguintes passagens, de uma importância capital para a compreensão dos acontecimentos posteriores: «O estado de guerra existe. Não podemos ignorar que o facto de que o nosso povo, o nosso território e os nossos interesses correm um grave risco. Com uma confiança absoluta no poder da nossa força armada e com a decisão firme do povo americano, alcançaremos a vitória. Peço por isso ao Congresso que declare, que, em virtude do ataque não provocado de 7 de Dezembro de 1941, existe o estado de guerra entre os Estados Unidos e o Japão.» O Senado aprovou a declaração de guerra pela unanimidade dos seus votos presentes, em número de 88. Na Câmara dos Representantes, a mesma declaração foi aprovada por 338 votos, registando-se uma abstenção por motivos de consciência.

A declaração de guerra era a fórmula jurídica que ia criar a unanimidade do povo americano no propósito de conduzir a guerra com todos os seus recursos até uma decisão vitoriosa. O presidente da República dispunha agora da confiança total da nação para a encaminhar na senda da vitória. Essa confiança, que durante tanto tempo lhe fora negada, ia exercer-se como um estimulante que havia de provocar as reacções salutaras do corpo nacional. O presidente Roosevelt não mais descausaria na tarefa de organizar a acção militar e de preparar o caminho para as soluções políticas que haviam de acompanhá-la. Prova dessa decisão são todos os seus discursos proferidos a partir dessa data e as viagens que sucessivamente empreendeu, dentro e fora do país, apesar das condições precárias da sua saúde. Esses discursos e essas viagens constituem um dos capítulos fundamentais para a compreensão do período histórico que se desenrolou a partir da entrada dos Estados Unidos na guerra até os nossos dias. Lendo os primeiros e meditando sobre as segundas, é possível compreender muitos episódios que de outra maneira ficariam obscuros ou misteriosos. Três dias depois do ataque a Pearl Harbour, o presidente Roosevelt dava ao seu povo a palavra de ordem que havia de o galvanizar para a acção em todos os sectores da actividade nacional que, directa ou indirectamente, apreciavam relacionados com a guerra. Essa palavra de ordem correspondia, de resto, ao estado de espírito geral.

UM PROGRAMA DE REALIZAÇÕES

O discurso proferido pelo Presidente Roosevelt no dia 10 de Dezembro tem hoje um significado histórico, pois constitui o primeiro programa de realizações para a guerra publicamente apresentado nos Estados Unidos. «Os modernos

métodos de guerra, dizia Roosevelt nesse discurso de alcance histórico, fazem com que a nossa tarefa não consista apenas em disparar e combater. Temos, ainda com mais urgência do que essa, a tarefa de trabalhar e de produzir. A vitória exige de nós a produção de armas de guerra em quantidade e o seu transporte para os vários campos de batalha. A superioridade dos Estados Unidos tem que ser esmagadora, de tal maneira que o Japão e as nações do Eixo nunca mais possam rivalizar com ela. Para atingir essa superioridade esmagadora que nos propomos alcançar, teremos de construir aviões, «tanks», peças de artilharia e navios para as nossas próprias forças e para os exércitos, as marinhas e as aviações dos países que combatem a nosso lado. Ainda devemos contar que um dia será preciso levar essas armas aos patriotas dos países que agora vivem em regime de ocupação para que eles possam recuperar a liberdade e a independência das suas pátrias. Mesmo que tenhamos de alterar, para isso, os nossos hábitos, não devemos hesitar um instante em o fazer, dada a magnitude da tarefa que nos foi cometida.»

O que depois se passou parecia desvendado já nas seguintes passagens do discurso presidencial: «Não faremos esta guerra dentro duma concepção defensiva. Quando o nosso poderio estiver completamente mobilizado, atacaremos o inimigo onde quer que ele se encontre. As forças armadas americanas serão utilizadas em qualquer parte do mundo, nos vários continentes e nos vários oceanos. Os nossos soldados tomarão posição nas Ilhas Britânicas, que constituem a fortaleza cuja conservação é essencial para ganharmos a guerra. As forças armadas americanas protegerão o hemisfério ocidental e defenderão as bases situadas fora dele, cuja conservação deva considerar-se essencial para a realização dos objectivos que nos propomos alcançar.» Não se dirá que a nação americana deixou de cumprir até agora o plano de acção que aparecia desvendado no discurso do seu presidente. Tudo o que depois se passou não podia, portanto, consuir-segrêdo para ninguém.

O JAPÃO EM GUERRA COM A GRÃ-BRETANHA

A impressão produzida em Londres pelas notícias do que acontecera em Pearl Harbour não foi menor do que aquela que se registou em Washington e nas restantes cidades americanas. Os ingleses haviam sempre revelado uma sensibilidade especial para a evolução recente da política nipónica, e as frequentes discussões suscitadas entre os jornais dos dois países eram incomparavelmente mais violentas do que as que alimentava a imprensa americana. Depois do encerramento da estrada da Birmânia, em Outubro de 1940, o governo britânico manifestara sempre, de maneira inequívoca, que não alimentava quaisquer esperanças quanto à possibilidade de conservar o Japão afastado da guerra. Em Londres considerava-se que a intervenção nipónica era simples função do momento a escolher para a efectivar, e a notícia das negociações conduzidas em Washington fora recebida com mal disfarçado cepticismo.

Logo que teve oficialmente conhecimento da agressão de Pearl Harbour, o Primeiro Ministro convocou o conselho de ministros para

estudar a situação. A reunião assistiu o embaixador dos Estados Unidos, Winant, que apesar de se encontrar há pouco tempo no desempenho das suas funções, havia criado já um ambiente de simpatia que muito contribuía para facilitar a sua acção. A noite foi anunciado que a Grã-Bretanha se encontrava em guerra com o Japão, pois este país tomara a iniciativa de entregar em Londres a respectiva declaração. Na sessão da Câmara dos Comuns, convocada para o dia seguinte, o Primeiro Ministro revelou que a Grã-Bretanha assumira, um mês antes, o compromisso de se colocar incondicionalmente do lado dos Estados Unidos, no caso de este país vir a ser objecto de qualquer agressão por parte dos japoneses. A promessa fora cumprida e a Câmara limitou-se a aprovar todos os actos praticados pelo governo no sentido de estreitar a solidariedade anglo-americana perante as novas condições criadas pela evolução dos acontecimentos no Pacífico. A Grã-Bretanha e o Japão haviam sido aliados durante muito tempo e seria difícil encontrar dois países que tivessem condições tão semelhantes e apressadas, no plano internacional, predispostos para se entenderem e para agirem em comum.

INGLÊSES E HOLANDESES

Mas a declaração de guerra da Grã-Bretanha ao Japão não se filiava apenas em argumentos de ordem sentimental ou na solidariedade anglo-saxónica. Ao mesmo tempo que atacavam as posições avançadas dos americanos no Pacífico, os japoneses lançavam-se sobre as posições britânicas no Extremo Oriente. Em Hong Kong e na Malásia, haviam-se registado actos ostensivos de hostilidade que justificavam o teor da nota diplomática entregue no ministério dos Estrangeiros ao encarregado de negócios japonês em Londres: «Em vista dos actos ostensivos de agressão não provocada cometidos em violação flagrante das leis internacionais e especialmente do artigo 1.º da Convenção de Haia, de que tanto o Japão como a Grã-Bretanha são signatários, o embaixador de S. M. em Tóquio recebeu instruções para informar o governo Imperial japonês que, de futuro, passa a existir o estado de guerra entre os dois países.»

Na declaração que fez perante a Câmara dos Comuns, o Primeiro Ministro declarou que o governo holandês, com sede em Londres, se apressara a afirmar a solidariedade da Holanda à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos. A Holanda declarara, ao mesmo tempo que os seus aliados, guerra ao Japão e esta não foi certamente das menores surpresas que tinham sido sentidas em Tóquio. Na capital japonesa contava-se com a passividade do governo holandês de Londres, a qual não deixaria de se traduzir no local por uma neutralidade cómoda das Índias Orientais, cujo governo se limitaria, segundo o pensamento nipónico, a esperar o desenrolar dos acontecimentos, de quais naturalmente acabaria também por ser vítima. No dia 8, o embaixador japonês em Tóquio informava o governo do Japão de que também a Holanda resolvera declarar-lhe guerra. Estando em jogo os interesses vitais da Holanda, esta afirmava o propósito de mobilizar todos os seus recursos na luta que ia iniciar-se. Uma proclamação radiodifundida da rainha Guilhermina confirmava publicamente

QUAL É A CÔR "Mascote" DO SEU PÓ DE ARROZ



De 10 senhoras, 9 usam uma côr errada de pó de arroz

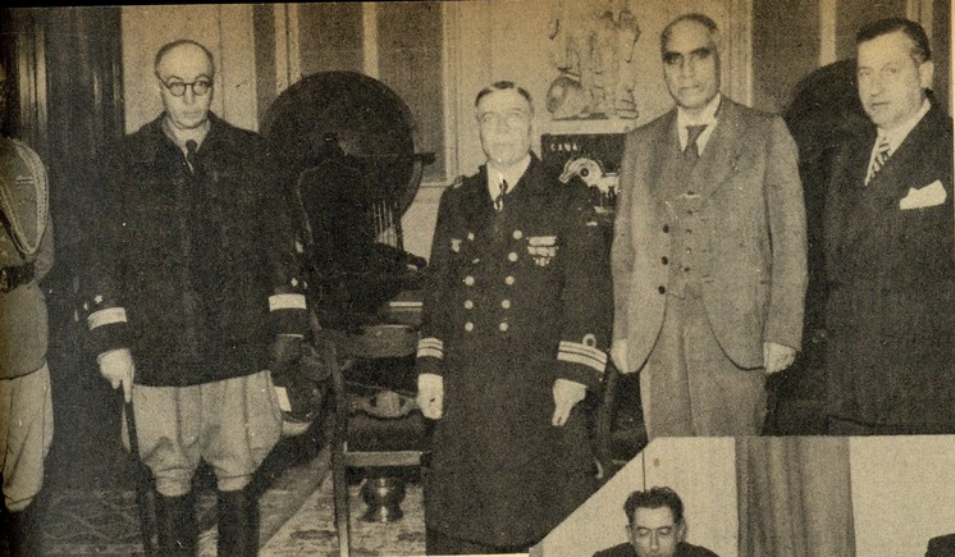
Uma côr errada de pó de arroz dá-lhe aparência detestável, dura, o aspecto de «maquilhada» — e fá-la parecer muito mais velha. A única maneira para encontrar a tonalidade que lhe convém, é experimentar numa das faces, uma côr e na outra, uma côr diferente. Faça hoje mesmo esta experiência com os novos e sedutores matizes do Pó Tokalon. Estes matizes novos, no «tom da pele», misturam-se por meio duma nova máquina: o «Cromoscópio». É como um olho mágico que selecciona as côres com precisão infalível. Acabou-se a má impressã de maquilhagem, devido ao pó de arroz. Este novo pó funde-se tão perfeitamente com a pele, que parece fazer parte dela. O Pó Tokalon é, por processo patenteado, misturado com «Mousse de creme», o que faz com que adira, todo o dia, quer faça vento ou chuva. Experimente hoje mesmo o Pó Tokalon. Veja como melhora surpreendentemente o seu «tom de pele».

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

ESTE NÚMERO É DE 24 PÁGINAS E FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

(Continua na pág. 23)

Entre nós



«Macau no Império» foi o título da conferência que proferiu na Sociedade de Geografia o sr. comandante Jaime do Inso — conferência a que presidiu o sr. almirante Botelho de Sousa, major-general da Armada, ao lado de quem se sentaram os srs. coronel Lopes Galvão e capitão Álvaro Atonso dos Santos, da Sociedade de Geografia. Foi este último quem fez a apresentação do conferencista, recordando os seus serviços ao País e a sua paixão por todos os problemas do Oriente.



Fêz na sede do «Grupo dos Amigos de Lisboa» uma palestra o escritor Albino Forjaz de Sampaio. Falou acerca do «Carnaval de há 40 anos». Na mesa da presidência via-se o sr. Álvaro de Lacerda, que fez a apresentação do orador, o qual, na sua conferência, contou como se divertiam, antigamente, durante o Entrudo, os lisboetas, descrevendo alguns dos seus folguedos, e fez, também, uma evocação de figuras e máscaras da época.

Por ter sido condecorado pelo Governo português com o grau de oficial da Ordem de Cristo, um grupo de senhoras que tem seguido os cursos do Instituto de Cultura Italiana, ofereceu um «cocktail» de homenagem ao seu director, sr. dr. Gino Saviotti. Usaram da palavra o sr. engenheiro Barros e Sousa, aluno do curso, e a escritora Olívia Guerra, que falaram do impulso, dado com persistência e brilho pelo sr. dr. Gino Saviotti à divulgação da cultura italiana entre nós. Por fim, agradeceu o homenageado, dizendo que lhe era grata a sua significação e quanto a distinção do Governo português o tinha honrado. Salientou que, entre as várias condecorações que possui, a actual o torna particularmente feliz, porque, além de altamente o honrar, tem para ele uma significação suprema — é mais um símbolo de amizade entre Portugal e a Itália.



No Conservatório Nacional, com a assistência do seu director, sr. dr. Ivo Cruz, muitos professores e alunos, tomaram posse dos cargos de sub-director da secção de teatro, da qual já era professor, o conhecido crítico teatral sr. dr. Jorge de Faria, de professor do curso nocturno livre, da Arte de Dizer e Representar, o actor Carlos de Sousa e de professor da Arte de Representar e Encenação, o actor Samwell Diniz.

O sr. dr. Ferreira da Costa, director do Serviço de Estomatologia dos Hospitais Cívicos, para comemorar o 20.º aniversário da instalação daqueles serviços, ofereceu aos seus colegas que colaboraram nas sessões científicas que se realizaram durante três dias, uma «Hora de Arte» que esteve muito concorrida e animada.



HISTÓRIA BREVE DA GRAFOLOGIA

Por CLOTILDE RANDI

DAMOS hoje resumidíssima história da grafo-psicologia.

Aparte algumas linhas de Aristóteles, de Demétrio (de Falério), orador de Atenas, e de Suetónio, o historiador dos doze Césares, nada de grande importância para a grafologia encontramos na formidável antiguidade. Outro tanto não sucede na profunda Idade Média e na admirável Renascença.

Só no século XVII um italiano de Bolonha, Camilo Baldi, se ocupa verdadeiramente desta ciência. Professor e filósofo, observador sagaz, Baldi encara a carta íntima como o melhor autógrafo, e publica a obra: *Do meio de conhecer os costumes e as qualidades dum escrevente pelas suas cartas*.

Savates, amigo de Goethe e pastor em Zurich, desenhador e fisionomista de talento, deu à publicidade, nos fins do século XVIII, a sua *Arte de conhecer os homens pela fisionomia*.

Algumas páginas desta obra concernem o estudo das escritas.

Moreau (da Sarthe), professor da Faculdade de Medicina de Paris e editor de Savates, acrescenta à obra deste reflexões e regras grafológicas interessantes.

Em 1812, aparece um livro intitulado: *A arte de julgar o espirito e o carácter dos homens pela sua escrita*. Esta obra, atribuída a E. Hocquart, literato, contém esboços grafológicos muito superiores a Savates.

O autor assemelha o estudo do grafismo ao dos movimentos e gestos. Waller Scott, Humboldt, Balzac, Edgar Poe, Georges Sand, ocuparam-se da grafologia e fazem alusão ao estudo do carácter pela escrita.

Em 1830, o abade Flandrin, professor do abade Michon, traça retratos grafológicos com uma fidelidade louvável.

Em 1866, J. B. Delestre, artista pintor, publica *Da fisionomia*, importante obra com desenhos e gravuras do autor, Delestre demonstra que a assinatura dum homem é a sua «afirmação».

Enfim, em 1872 podemos ler *Mistérios da Escrita*, obra da autoria do abade Michon, e prefaciada por Desbarolles. O abade publica ainda o jor-

nal «La grafologie» (1873-1881), e um *Método de Grafologia*, que completa, explica e aplica o seu sistema, que é, no seu todo, um trabalho novo, valioso e original.

Múltiplos sinais gráficos são descobertos e classificados. Se os autores acima referidos podem ser considerados como os precursores da grafologia, o abade Michon é o seu verdadeiro fundador.

Michon foi uma alma ardente, um apóstolo entusiasta e um infatigável vulgarizador.

Morto o abade Michon, cujo método analítico se applicava sobretudo à descoberta e interpretação dos pequenos sinais gráficos, é o dr. Crepieux-Jamin, de Rouen, o grande chefe intelectual do movimento grafo-psicológico de hoje.

Com o seu poderoso espirito de síntese, o Dr. Crepieux-Jamin criou o que verdadeiramente podemos chamar grafologia geral, semiologia geral da grafologia.

A grafo-psicologia tem, actualmente, numerosos investigadores e cultores de grande valor intelectual, possui uma vasta bibliografia, sendo uma ciência já bastante avançada. Por ser mal conhecida, é mal apreciada, e, no entanto, nenhuma outra ciência como a grafo-psicologia satisfaz aquêle desiderato: conhece-te a ti mesmo e os que te rodeiam...

CONSULTÓRIO

24 — MIKE — S. Miguel — Uma das principais dominantes: espírito prolestatário, recalcitrante, tímido em excesso, querendo sempre dominar, afectuosidade mal controlada...

25 — ROMA — Lisboa — Temperamento nervoso, affecto egoísta; um desejo íntimo do apoio alheio. Espírito de contradição.

26 — UM COGA — Lisboa — Carácter autoritário por vezes severo. Afectuosidade moderada, agressivo quando os factos não lhe agradam.

27 — INTRANSIGENTE — Porto — Inteligência, cultura geral. Fúria de espírito, no que respeita a penetração das coisas. Minuciosidade excessiva. Sentimental, idealista.

28 — D'AGLIHA — Pessoa vulgar, sistema nervoso desequilibrado, talvez por alguma causa patológica...

pois, que a peça tenha menos actos...

|| ||

Quando o espectáculo terminou, às duas da madrugada, com um saldo de quatro mortes, Armando Ferreira, dizia:

— A estas horas o acompanhamento deve ser a pé!

|| ||

Armando Vieira Pinto proclamava:

— Peça por peça, ainda vou pelas «Coristas»!

|| ||

Certo sujeito, indignado, não hesitava em declarar à saída:

— Isto não é de Eugénio O'Neill, é de Génio O'Nicles!

CALÇADA DA GLÓRIA

(Continuação da pág. 14)

— Eugénio O'Neill apanhou como sabem, o prémio Nobel da literatura — dizia o dr. X. — O que talvez não saibam é que o tradutor apanhou a aproximação...

|| ||

O dr. Júlio Dantas não assistiu à Electra da «Electra», mas confidenciou-nos:

— Três peças em cinco actos, de uma só vez, parecem-me, para a minha capacidade de resistência e de atenção, teatro de mais. Espero,

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogas

Preço avulso: 11\$00



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
5.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
7.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGOE	31.5 m.	9.530 kc/s.
20.45	WGOE	31.5 m.	9.530 kc/s.
23.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

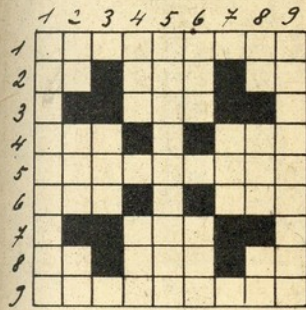


Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

10.45 ..	Noticiário	24,92 m.	(12,04 mc/s)
		19,76 m.	(15,18 mc/s)
		13,86 m.	(21,64 mc/s)
12,15	Noticiário e Actualidades	24,92 m.	(12,04 mc/s)
		19,76 m.	(15,18 mc/s)
		13,86 m.	(21,64 mc/s)
21,00	Noticiário e Actualidades	42,11 m.	(7,13 mc/s)
		41,75 m.	(7,19 mc/s)
		31,75 m.	(9,45 mc/s)
		30,96 m.	(9,69 mc/s)
		261,10 m.	(1,149 kc/s)
		1.500,00 m.	(200 kc/s)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 58



HORIZONTAIS: 1 — Espécie de chafre, 2 — Dormir; Enxergar; Correr, 3 — Vazio, 4 — Pano antigo, que se fabricava no Languedoc; Dê mios.

5 — Que tem cor de mulata, 6 — Conj. (desig. oposição); Grande porção, 7 — Protóxido de cálcio, 8 — Sua; Cólera; Aqui, 9 — Aparelhas.
VERTICAIS: 1 — Gaita de foles, 2 — Prep. e art.; Magnete; Viração, 3 — Jogo de cartas, originário de Espanha, 4 — Parente; Reme para trás, 5 — Protestara, 6 — Circulo; Casa de habitação, 7 — Oceano, 8 — Nesse lugar; Passado; Entre nós, 9 — Ornejaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 57

HORIZONTAIS: 1 — Lâmina; Afável, 2 — Ar; Muradal; Mi, 3 — Mã; Olé; Um, 4 — Aragem; Limiar, 5 — Pé; Examine; Vá, 6 — Animar; Asnear, 7 — Er; Ol, 8 — Agonia; Saloia, 9 — Na; Imbuira; Az, 10 — Trager; Caboré, 11 — Lê; Ave; Ao, 12 — Os; Lacerar; Dê, 13 — Safado; Amoral.
VERTICAIS: 1 — Larapa; Antros, 2 — Ar; Renegar; Sa, 3 — Mã; Irô; Al, 4 — Imagem; Nigela, 5 — Nã; Exanãme; Ad, 6 — Aromar; Abraço, 7 — Al; Vê, 8 — Adélia; Sicera, 9 — Fã; Instura; Am, 10 — Alumen; Lóbaro, 11 — Mi; Eoo; Óo, 12 — Em; Avaiar; Dã, 13 — Librar; Azemel.

HISTÓRIA DA GUERRA

(Conclusão da página 20)

esta decisão, a qual ia traduzir-se imediatamente pelo estado de hostilidades em todo o território das Índias Orientais. Tratava-se de um importante auxílio emprestado por uma pequena grande potência à causa comum. A Holanda, que desde a invasão da sua metrópole sempre afirmara o propósito inabalável de se bater, cumpria galhardamente aquilo que considerava um dever indeclinável da honra nacional.

OS ESTADOS UNIDOS CONTRA O EIXO

Os Domínios britânicos acompanharam a metrópole na sua atitude. A Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul e o Canadá declararam, no dia 8 de Dezembro, guerra ao Japão. Alguns desses Domínios estavam especialmente interessados em afirmar imediatamente a sua solidariedade em relação aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha pois apareciam, dada a sua posição geográfica, como vi-

timas designadas, no caso de a ofensiva nipônica, que se iniciara de maneira tão poderosa, vir a exprair-se. Estavam nessas condições, imediata e directamente, a Austrália e a Nova Zelândia, e indirectamente a África do Sul que, como mais tarde havia de demonstrar-se, podia vir a ser vítima da penetração naval nipônica em águas do Índico. Quanto ao Canadá, a sua vizinhança com a grande República norte-americana tornava perfeitamente justificada a solidariedade entre os dois países que, de resto, se vinha afirmando, com uma intensidade crescente, desde o início das hostilidades na Europa.

No dia 11 de Dezembro, os governos alemão e italiano decidiram declarar guerra aos Estados Unidos. A declaração de guerra do governo italiano foi entregue ao embaixador americano em Roma pelo conde Galeazzo Ciano. Tanto o Duce como o Fuhrer fizeram declarações públicas sobre a nova

PICK-UPS

de fácil aplicação a qualquer gramofone para reprodução de discos através do APARELHO DE RADIO

DISCOFONES

Com motor eléctrico e pick-ups Modêlos para corrente alterna. Modêlos para tôdas as correntes.

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97
Enviamos grátis catálogo ilustrado

situação criada pela entrada dos Estados Unidos e do Japão na guerra. A luta, na concepção dos dois chefes das potências do Eixo, passara a ter um significado histórico que havia de reflectir-se no decurso de muitas gerações. «O Destino, declarou o chanceler do Reich, reservou-nos para uma missão providencial. Estamos em presença de uma revisão geral ordenada pelo Criador.»

Aludindo à solidariedade que ligava as potências europeias do Eixo ao Império japonês, o presidente dos Estados Unidos declarou nessa altura, para justificar o que

se passava: «O governo norte-americano sabe que, há semanas, a Alemanha disse ao Japão que, se este país não atacasse os Estados Unidos, não partilharia dos despojos da vitória. O Japão recebeu a promessa de ficar com o domínio de toda a região do Pacífico, compreendendo a totalidade da costa ocidental do continente americano. A Alemanha e o Japão conduzirão, portanto, as operações militares e navais em obediência a um plano de conjunto previamente elaborado.»

(Continuá)

A "ORAÇÃO" DO "PIRATA" ~ por Stuart Carvalhais



— Que tem você, sr. António?
— Tenho... que não tenho nada. Estou arreliado. Quero dinheiro e não há maneira de arranjar trabalho...
— Pois peça a Deus, homem. Peça a Deus e êle o ajudará.

— Meu Deus! Meu Deus! Não vos peço que me deis riquezas. Dizei-me só onde elas se encontram — que eu irei buscá-las... Amen.



A explosão de uma bomba de profundidade lançada por um destroyer inglês no ataque a um submarino inimigo